

RECONCILIAÇÃO



"Perdoo-lhe papai.
Perdoo-lhe e não vou
querer mal ao senhor,
não vou!"

Romance do Espírito

Antônio Carlos

Psicografado pela médium

**Vera Lúcia Marinzeck
de Carvalho**

petit

RECONCILIAÇÃO

Romance do Espírito

Antônio Carlos

Psicografado pela médium

Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho

Rua Atuaí, 383/389 -Vila Esperança/Penha

CEP 03646-000 -São Paulo -SP

Fone: (OxxU) 6684-6000

Endereço para correspondência:

Caixa Postal 67545 -Ag. Almeida Lima

. 03102-970-São Paulo -SP

www.petit.com.br

petit@petitcom.br

<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>



Reconciliação

Eis aqui uma das mais belas histórias espíritas. Comovente e esclarecedora, encanta a todos que a lêem. Antônio Carlos, exímio escritor, reúne todos os elementos capazes de cativar, narrando uma história surpreendente de forma clara e simples. A trama prende a atenção, envolvendo na leitura, fazendo com que participemos do relato e sintamos toda a emoção transmitida pelo autor.

Tudo começa com um duplo assassinato. O garoto Raul e sua mãe são brutalmente mortos por Manuel, pai e esposo das vítimas. Raul ao acordar, após a morte, não sente ódio do pai assassino. Já sua mãe, apegada aos bens materiais, fica presa ao ambiente familiar, imantada pelo ódio.

Na espiritualidade, Raul recorda-se de suas vidas passadas, vindo a saber que tinha débitos para com seu pai, assumidos anteriormente. Sentindo grande desejo de se reconciliar com ele, solicita permissão para encarna novamente como filho de Manuel. Assim, com outro nome, Raul está de volta ao palco de lutas redentoras, buscando auxiliar espíritos queridos, mas presos ainda a profundos equívocos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

133.9 Carlos, Antônio (espírito)

Reconciliação / romance do espírito Antônio Carlos;

psicografado pela médium Vera Lúcia Marinzeck de

Carvalho. São Paulo: Petit, 1995.

ISBN 85-7253-014-2

1. Espiritismo 2. Romance brasileiro

Vera Lúcia Marinzeck de li. Título.

I. Carvalho,

98-2565 CDD-133.9

índices para catálogo sistemático:

1. Romances mediúnicos : Espiritismo 133.9

Direitos autorais reservados. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, salvo com autorização da Editora. Ao reproduzir este ou qualquer livro pelo sistema de fotocopiadora ou outro meio, você prejudicará a Editora, o autor e você mesma. Existem outras alternativas, caso você não tenha recursos para adquirir a obra. Informe-se, é melhor do que assumir débitos.

Impresso no Brasil, no verão de 2003.

“Portanto, se estás para fazer a tua oferta
diante do altar e te lembrares aí que teu irmão
tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta
diante do altar, e vai reconciliar-te primeiro
com teu irmão, e depois vem fazer a tua oferta.”

MATEUS, V: 23,24

SUMÁRIO

PREFÁCIO

O POÇO

O SOCORRO .

APRENDENDO .

ESCUTANDO AMIGOS .

AJUDANDO MINHA MÃE .

O LOUCO .

O PERDÃO .

O PASSADO .

A DECISÃO .

REENCARNADO .

DE REGRESSO .

AJUDANDO MEU PAI

NOVAS RESPONSABILIDADES

APRENDENDO A SERVIR .

NO CONFORTO DO ESPIRITISMO .

GLOSSÁRIO .

ALELUIA .

PREFÁCIO

POR JOÃO DUARTE DE CASTRO

O médium é um instrumento do Alto na intermediação de tarefas provindas do plano espiritual. O médium espírita sabe que o futuro está sendo projetado, modelado e definido pelo presente; sabe também que o dia de hoje é consequência do ontem. Tem consciência de que assumiu esse compromisso e que não pode fugir de suas responsabilidades para não pôr em risco seus resgates, seu aperfeiçoamento, seu progresso moral e espiritual.

O médium fez a rogativa de servir de elemento de conexão entre as duas dimensões para mais depressa saldar seus débitos e contabilizar merecimentos. É dando que se recebe. É o médium um instrumento, apenas, mas de primordial importância; nós todos, cada qual em seu setor, somos instrumentos, mas deve-se procurar ser sempre o melhor instrumento. Sem vaidade, sem presunção, o médium-psicógrafo deve exercer sua atividade porque sabe que o trabalho não é dele, que apenas realiza o papel do telefone ou a função do lápis. A Vera Lúcia está enquadrada exatamente nesta categoria de médiuns conscientes de sua natureza, de sua responsabilidade. É simples, humilde, mas dedicada, consciente e responsável.

A missão dos bons espíritos, guias, amigos e protetores, ao fazer manifestações na Terra, é de educação, de amor, de justiça e de trabalho evangélico. Conhecemos os bons espíritos pelos frutos de sua manifestação; seus textos são direcionados tanto para a revelação da realidade espiritual como para a promoção da pessoa humana. Em suma, com o objetivo de facilitar a evolução do espírito, fazendo-o sentir que aqui ou do lado de lá, ora num plano, ora no outro, somos sempre os mesmos e a estrada que percorremos rumo à perfeição é uma só, sempre.

Os espíritos bons, guias, amigos e protetores não se manifestam por acaso nem são escolhidos para atuar por privilégios. Os médiuns não são manipuladores nem donos da verdade. A missão mediúnica é santa e tem caráter socializante. Seu objetivo é o de confraternizar pela revelação, pelo conhecimento, pelo amor.

A Doutrina Espírita é verdade trabalhada, humildade compreendida, amor exemplificado porque é o Cristianismo redivivo e autêntico; é caridade, justiça e fraternidade lecionadas aos indivíduos na trajetória educativa ascensional. Tudo isso está contido no trabalho do Espírito Antônio Carlos.

Este é um romance que impressiona e agrada por muitos motivos: a história é envolvente e sugestiva, o tema é empolgante, o estilo é simples, mas atraente, a leitura é dinâmica, os ensinamentos são profundos, oferecendo uma visão magnífica da vida no plano espiritual.

O escritor desencarnado leva uma vantagem significativa sobre o trabalho de seus colegas encarnados: a de poder atuar com desenvoltura e simultaneamente nos dois planos da realidade espiritual. Enquanto nós aqui permanecemos com os pés no chão e com uma visão muito limitada, o espírito liberto participa da vida material e da existência espiritual, ao mesmo tempo. Nós, do lado de cá, dependemos muito da intuição, da inspiração e das informações que nos chegam do outro mundo para poder informar sobre a vida na outra dimensão; já o informante desmaterializado tanto vê lá como aqui, tanto faz suas observações no plano invisível como no universo material, de forma direta, própria e objetiva.

Tudo neste romance impressiona, agrada e esclarece. Contudo, ainda mais impressionante me pareceu a descrição do trabalho desenvolvido por uma equipe de espíritos socorristas num centro espírita. Enquanto os encarnados apenas sabem da tarefa que eles próprios desenvolvem, acontece uma ampla atividade simultaneamente realizada pelo plano espiritual. Raul (Ricardo) descreve minuciosamente sua participação, numa dessas equipes de assistência junto a um centro espírita, primeiramente na função de guarda, atuando preventivamente contra espíritos maus, perturbados e perturbadores; de vigia, passa a integrar a tarefa de auxílio à prática mediúnica, socorrendo, organizando e encaminhando desencarnados aos médiuns; depois, integrando equipes de socorro que atendem a solicitações de auxílio a desencarnados que ficam vagando pela cidade, em hospitais assistindo a enfermos encarnados e desencarnados; visitando cemitérios e confortando tanto a encarnados inconsoláveis como a desencarnados que se apegam em desespero a seus restos mortais; encaminhando espíritos necessitados para atendimento em um pronto-socorro espiritual, e assim por diante.

Quando minha querida amiga Antonina Barbosa Negro, da cidade de Leme (SP), grande incentivadora de meus modestos trabalhos, ligou solicitando-me os préstimos para a apreciação dos originais de um romance que lhe haviam sido encaminhados, coloquei-me a sua disposição. É freqüente e natural a um escritor receber semelhantes solicitações. Dizia Antonina saber de minhas ocupações e da escassez de meu tempo, mas que fazia questão de que fosse eu a realizar a tarefa. Tratava-se esclareceu ela -de material psicografado por sua amiga Vera Lúcia, da cidade de Jau (SP), autoria espiritual de Antônio Carlos, de um romance intitulado Reconciliação, que lera e muito apreciara. Como sempre faço ao ser solicitado para prestar tal colaboração, não deixei de também esclarecer a Antonina que meu parecer seria dado de conformidade com o valor do texto, independentemente de amizade ou consideração. Que ela me remetesse os ditos originais, eu arrumaria tempo para sua leitura e apreciação...

Como se tratasse de material mediúnico, não deixei de "torcer o nariz" intimamente, dada a grande inflação de obras psicografadas de qualidade medíocre existentes por aí. Infelizmente, muitos editores publicam seja lá o que for, desde que seja trabalho espiritual. É livro ditado por desencarnado? Então " Amém", e assina-se embaixo...

E foi com este espírito que recebi os originais deste livro e iniciei sua leitura. Para encurtar a história, confesso que me envolvi tanto desde o seu princípio, e gostei tanto do enredo, da linguagem, do estilo, dos

ensinamentos, de tudo, enfim, que, ao chegar ao seu final, não encontrei outras palavras para traduzir meu entusiasmo, senão "Lindo! Magnífico!" E isto escrevi ao final do texto.

Que escritor exuberante é o nosso Antônio Carlos, e que instrumento mediúnico fiel e competente é a nossa Vera Lúcia!

Ligando novamente para saber a minha opinião, foi dito a Antonina que não apenas havia gostado muito do livro como iria fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para vê-lo publicado. E para me penitenciar de minha pontinha de prevenção inicial, comprometia-me a fazer seu prefácio e os dizeres da contracapa. Daí que os originais foram encaminhados com nossa entusiástica recomendação ao Flávio e à Carmen, idealistas tarefeiros da PETTT Editora, e o livro aqui está, inclusive com o cumprimento de minha promessa quanto ao prefácio.

Sem querer fazer predição, acredito que este romance do Antônio Carlos estará ocupando muito brevemente um lugar de destaque na literatura espírita. Com inteira justiça, diga-se.

O POÇO

Acordei com um torpor estranho, por uns instantes não sabia onde estava, tudo parecia confuso, os últimos acontecimentos desorientaram-me. Fui tomando consciência aos poucos; com muito esforço comecei a abrir os olhos, tentei ver onde estava, no alto vi luz, a claridade do Sol. Tentei mover-me, não consegui, senti dores agudas, doía-me todo o corpo. Só consegui mover os olhos, mas a claridade do alto tonteava-me. Esforcei-me por falar.

-Ai, ai. -consegui balbuciar baixinho, doendo mais ainda com o esforço que fiz.

Lembrei-me então do poço. Estava dentro, dele, conhecia-o bem, costumava brincar sempre perto dali com meus amigos; era um seco e velho poço abandonado. Deveria ter uns cinco metros de profundidade e não era estreito, tendo uns dois metros de diâmetro; agora, dentro dele, parecia-me muito fundo e assustador. Com muito esforço, devagarzinho, consegui virar a cabeça um pouquinho para o lado direito, aumentando a dor que sentia, e então a vi.

Mamãe ali estava, caíra em cima dela, o seu corpo amortizara minha queda. Vi-a do busto para cima, estava toda suja de sangue, imóvel e com os olhos fechados. Vendo-a, além das dores horríveis, senti medo e desespero. Concentrei-me, reuni todas as minhas forças e consegui sussurrar:

-Mãe...

Ela não se mexeu. "Deve estar desmaiada" -pensei." Quando acordar me ajudará."

Não me mexi mais, preferi ficar olhando para ela, dava-me mais segurança; depois as dores eram muito fortes, quando me esforçava para me mexer, elas pioravam, e sentia como se arrebentasse, devia ter fraturado alguns ossos!

Lembrei-me de meu amigo Joãozinho, que fraturou a perna, chorou, gritou,"dizia que parecia estar arrebentado. Agora, com a cabeça mais virada, não vi mais a boca do poço, e sim as paredes de terra e pedra, e minha mãe, que não se mexia, demorando para acordar do desmaio.

"Nos momentos difíceis, ore." -Parecia-me que escutara minha avó. Vovó Margarida sempre me dizia isso. Lembrei-me dela, recordei com perfeição como era ela, senti mais saudade ainda, senti falta do seu carinho, do seu jeito meigo de consolar-me quando me doía algo.

Procurei lembrar as orações, as que repetia sempre, mas não consegui recordá-las.

-Ah! Meu Menino Jesus, fazei que nos achem, que alguém nos tire daqui, por Maria, sua Mãe, eu lhe peço. Ave Maria... -não conseguia nem começar, meus pensamentos estavam descoordenados, tinha dificuldade de me concentrar para repetir as orações que decorara. As dores eram contínuas e fortes, sentia o suor molhar-me e deveria estar também ensangüentado, como minha mãe. Abri os olhos e olhei-a, era tão bonita! Agora estava esquisita, os cabelos soltos em desordem, toda suja e não se mexia. "Oh, meu Deus! Faizei com que nos encontrem" -pensei firme. Era de tarde, logo viria a noite, ficaria escuro e seria bem pior, esfriaria, à noite

ninguém passaria por ali e ainda mais olhar para o poço. Se ao menos pudesse gritar!

Sentia que estava em cima do corpo de mamãe e não notava nela nenhum movimento. Caiu primeiro, vi quando ele a pegou, enfiou a faca no seu peito e depois a jogou dentro do poço; ficara olhando assustado, não entendi, não queria acreditar, quis gritar, não consegui, fiquei parado. Olhou para mim, estremei de medo, veio em minha direção, tentei escapar, comecei a correr, mas logo me alcançou; segurou-me com força pelo braço, arrastou-me alguns metros, levando-me para perto do poço.

"É preciso!" -falou forte e baixo.-"Você também."

Quis gritar, não consegui, estava horrorizado, vi-o erguer a outra mão, sua direita, e a faca veio em minha direção; aflito, desesperei-me para escapar, mas sua mão, que parecia uma garra de ferro, não me largou. Errou o alvo, a faca feriu-me o ombro esquerdo em lugar do coração. Que dor horrível, uma dor aguda que me tonteou.

Senti quando retirou a faca, erguendo-me pela cintura; eu quis fazer algo, gritar, soltar-me, não consegui, e então me jogou no poço. Senti-me cair, desmaiei na queda, devo ter ficado alguns minutos inconsciente. Uma estranha fraqueza foi se apoderando de mim, parecia que tudo rodava. Abri os olhos que teimavam em se fechar, mamãe continuava do mesmo modo.

-Faça, Jesus, com que ele se arrependa e venha buscar-me; se não conseguir gritar, dificilmente alguém nos achará. É tão raro alguém olhar dentro do poço!

Tentei repetir as orações novamente. "Ave Maria...", não queria pensar, queria orar e os pensamentos vinham independentemente de minha vontade. Fatos acontecidos comigo invadiam minha memória, recordava minha infância, ainda estava nela, ia completar doze anos no mês vindouro. Sempre pensei que não tinha muito o que contar de minha vida e agora lembrava tantos fatos, acontecimentos, e com tantos detalhes que pensara ter esquecido; recordava-os como se os vivesse. A fisionomia de minha avó enchia-me a mente, amava-a muito. Chamava-se Margarida, era minha avó materna, fora ela a pessoa que mais carinho e amor me dera. Morei com ela até meus oito anos, foi ela quem me criou, ensinou-me a orar. Era tão boa, tão meiga e tão querida por todos que a conheciam. Enquanto morei com ela fui muito feliz, raramente ia à casa dos meus pais e só recebíamos visitas da mamãe e das minhas irmãs.

Minhas irmãzinhas! Que vontade de vê-las! Era o mais velho, depois vinham Taís e Telma, que moraram sempre com meus pais. Vovó morreu de repente. Não entendia bem o que significava morrer, senti que nos separávamos e que minha felicidade acabara. Fui morar com meus pais.

A fazenda, como era gostosa a fazenda onde passei a minha primeira infância com vovó! Era o lugar mais lindo do mundo, para mim! Vovó dizia-me que sempre achamos lindos os lugares onde somos felizes. Depois da morte de vovó, voltei lá só duas vezes. Recordava tudo como se acontecimentos

de anos antes tivessem acontecido ontem, lembrava-me dos meus brinquedos, das árvores, dos animais, da casa. A fazenda ficava perto da cidade onde residiam meus pais e foi vendida depois que vovó se foi.

Fiquei muito triste por ter de deixar a fazenda para ir morar com meus pais; fui assustado, meu coração saltava no peito. A casa era grande e boa e a cidade, pequena, onde todos se conheciam. Meu pai tinha um armazém não longe de casa, perto da igreja. Mamãe era bonita e delicada, seus olhos grandes e azuis estavam sempre tristes. Taís e Telma eram uns amores, quietas, delicadas, obedientes. Morava conosco também Maria, a empregada que chamávamos de Pretinha por ser de cor negra, bem negra mesmo, e miúda. Gostei dela logo que a vi, era muito amiga de mamãe e ambas trabalhavam muito.

Logo percebi que meu pai não gostava de mim. Quando ele chegava em casa, Taís e Telma corriam para abraçá-la e ele mimava-as, pegava-as no colo, ria para elas. Não ousava me aproximar, ficava olhando, ele não me dirigia a palavra; ignorava-me, parecia que não gostava nem de me ver.

Comecei a ter medo dele, parecia que o irritava e passou a me xingar, a surrar-me por qualquer motivo e, até mesmo, sem motivo. Não entendia, não conseguia entender por que ele procedia assim; mamãe, carinhosamente, tentava explicar-me: "Raul, seu pai está cansado. Manuel trabalha muito. Evite vê-lo, ele fica tão pouco em casa. Quando ele estiver, saia você, filho, vá brincar com seus amigos; quando ele sair, volte. Essa implicância passa, devemos ter paciência, compreendê-lo, e nunca faça nada para chateá-lo".

Fiquei muito triste, mas tratei de obedecer à mamãe, sem fazer perguntas para não deixá-la mais triste ainda. Às vezes ficava pensando sobre o porquê de ele ficar nervoso só comigo. Se estava cansado, por que brincava com minhas irmãs e comigo não? Por que surrava-me tanto, se não lhe desobedecia em nada? Na verdade era minha mãe quem trabalhava muito, passava o dia todo na cozinha fazendo quitutes para serem vendidos no armazém. Nunca fui ao armazém, sempre tive vontade de ir, mas meu pai proibira-me. Passava sempre por perto e via-o à toa a conversar com outros homens e pensava: "Mamãe diz que ele está cansado, não o vejo fazendo nada, será que ela sabe que ele fica à toa?" Nunca tive coragem de comentar com ela o que via.

Na fazenda, dormia no quarto com vovó: como era gostoso desfrutar de sua companhia, receber seu beijo de boa-noite! Com meus pais, não quis dormir no quarto, sozinho; queria dormir com minhas irmãs, e meu pai não deixou. Fui dormir com Pretinha no quartinho perto da cozinha. Estranhei no começo, porém ela era tão boazinha e logo nos tornamos bons amigos. Pretinha ficara órfã de mãe bem pequena, e o pai colocou-a para trabalhar como doméstica, morando no emprego. Antes, morava com minha avó e veio com mamãe, quando ela se casou.

Ela via pouco o pai, tinha irmãos da parte do pai com outra mulher, contara sua história uma vez, depois não tocara mais no assunto. Não gostava de falar de sua vida, para ela sua família éramos nós, de quem muito gostava.

Eu tinha muitos amigos, gostava de todos e era muito querido por eles, brincávamos por todos os lados. Ia à escola de manhã e à tarde fazia minhas lições; gostava de ajudar mamãe e Pretinha a fazer doces. E, quando meu pai chegava, saía rápido, indo brincar, ou até ficava em algum canto do quintal esperando que

sáisse novamente. Por isso, brincava muito pela redondeza, não importando se estava frio ou chovendo. Conhecia todos os meninos da vizinhança. Em casa, tomou-se hábito vigiar as chegadas de meu pai. Pretinha e minhas irmãs avisavam-me: "Raul, papai já vem!"

Ele costumava entrar pela porta da frente, e eu saía pelos fundos. Ia brincar, nadar no rio, pescar, brincar de pião, com bolinhas, corria por toda parte. Não comentava com ninguém que papai implicava comigo, como mamãe recomendava. O chato era que ia dormir muito cedo, após o jantar; papai chegava e raramente saía, eu ia para o meu quarto e lá ficava. Sem ter com quem brincar, ia dormir. Papai comprava roupas bonitas e brinquedos para Taís e Telma, nunca me dera nada e não deixava mamãe comprar nada para mim. Não sentia inveja de minhas irmãs, achava merecido elas ganharem presentes, ainda mais que elas deixavam que eu brincasse com eles, só que não achava graça em brinquedos de meninas. Minhas roupas, eu as ganhava de minha tia, de meu primo mais velho. Eu não me aborrecia com essas diferenças; sentia, sim, a falta do amor dele.

As dores estavam fortes, muito fortes, e não passavam. Tentei orar novamente, queria e não conseguia repetir as que sabia de cor, pensei nas imagens que via sempre na igreja, a de Maria, com expressão de sofrimento, e a de Jesus, coroado de espinhos e todo machucado. Jesus deve ter sofrido muito, como eu agora. Mamãe não se mexia, estava demorando demais para acordar: será que morreu? Apavorado, quis chorar, não consegui, meus olhos estavam secos e as lembranças teimavam em vir.

Aquela pedra! Observei bem na parede do poço uma pedra com formato quadrado, e lembrei do meu carrinho. Fora presente de vovó, era de madeira, uma cópia perfeita do carro que os bois puxavam na fazenda. Tinha muito cuidado com ele, guardava no meu quarto, dentro do armário, tinha-o como lembrança de minha avó.

Um dia, estava chovendo, não vimos papai chegar, voltara mais cedo, estava começando a jantar. Ao me ver, começou a ralar comigo, senti muito medo, não sabia o que fazer, se ficava ou se saía da sala. Ele mandou que olhasse para ele, olhei, e xingou-me mais ainda. Até que escutei com certo alívio: "Hoje não come mais! Vá para seu quarto". Saí quase a correr, fiquei no meu quarto, peguei meu carrinho como se pedisse proteção. Escutei vozes na cozinha, papai discutia com mamãe.

"Não devia tratá-lo assim" -disse mamãe.

"Aqui mando eu e faço o que quero. Se está achando ruim achará mais!"

Entrou no meu quarto empurrando a porta. Assustado, fiquei olhando sem conseguir mover-me. Chutou meu carrinho e pisou em cima, depois tirou a cinta e começou a sorrir-me. Gritei. Mamãe e Pretinha acudiram-me e acabaram apanhando também.

Saí furioso e choramos todos: mamãe, Pretinha, minhas irmãs e eu. Mamãe teve que me banhar com sal moura. Doía-me o corpo todo, mas o que me machucava realmente era ver meu carrinho todo quebrado.

"Por que, mamãe, por quê?"

Ela não respondeu, estava tão triste quanto eu. Ajudou-me a consertar meu carrinho. Não ficou como antes, não rodava mais. Guardei-o então bem escondido e só o pegava quando tinha a certeza de que papai não estaria em casa. Após esse dia, tomamos mais cuidado, evitava ver meu pai, passando meses sem vê-lo e, quando o fazia, era de longe.

Nos últimos tempos, mamãe estava mais triste e abatida. Pretinha dissera-me que ela estava sofrendo, Telma a vira chorar e contara que papai havia gritado com ela.

Naquela semana, pareceu-me que ele estava mu dando: nos últimos dias, estava mais atencioso. Encontrou-me almoçando, tremi assustado, sem saber se saía ou ficava, só me olhou e disse: "Coma, menino".

Saiu da cozinha, indo para a sala. Suspiramos aliviados, acabei de almoçar e saí rápido de casa. Engraçado que, quando ele se referia a mim, nunca me chamava pelo nome, sempre de "menino" ou "moleque".

Dois dias atrás, trouxe doces, as meninas correram para pegar, já estava saindo da cozinha quando ele me chamou: "Moleque, venha cá!" Ficamos todos com medo, tremi assustado, parei e voltei, ele estava entrando na cozinha.

"Tome isto!" Deu-me doces, o mesmo tanto que dera para as meninas; fiquei contente, mamãe alegrou-se, esforcei-me e consegui dizer: "Obrigado".

Ontem, quando íamos jantar, Pretinha avisou que ele estava chegando. Corri para meu quarto, lugar em que ele nunca mais entrara. Da cozinha, gritou: "Menino, venha jantar!"

Não saí do lugar, mamãe veio buscar-me e disse: "Venha, ele está calmo". Fui com medo, sentamos todos e jantamos. Não ousei levantar a cabeça e não conversei. Olhei-o disfarçadamente algumas vezes, pareceu-me tranqüilo. O jantar pareceu-me longo: quando acabamos, ficamos sentados e eles conversaram. Até que nos mandou dormir; fui, aliviado.

Hoje pela manhã, papai mandou que Pretinha levasse as meninas ao ensaio do coral da igreja à tarde e ficasse esperando para trazê-las de volta. Logo que Pretinha e as meninas saíram, estávamos na cozinha, eu fazendo minhas tarefas escolares e mamãe fazendo bolinhos, quando papai entrou de surpresa; nessa hora não costumava vir para casa.

Ao vê-lo entrar pela porta da cozinha, fiquei quietinho, mas virou-se para mim e indagou:

"Menino, está bem na escola?"

"Estou sim, senhor" -respondi.

"Manuela, estive pensando, acho que já é tempo de acabar com algumas coisas desagradáveis aqui em casa. Raul não precisará mais sair de casa quando eu chegar, isso traz comentários e não vou surrá-lo mais, vamos procurar viver em paz."

"Manuel!" -exclamou mamãe. -"Quer isso mesmo? Que bom!"

"Vamos começar dando um passeio. Estou com vontade de andar um pouco pelo campo, está bonito

nesta época do ano. Venha comigo, Manuela."

"Mas, Manuel, vou fritar os bolinhos!"

"Deixe isso para depois. Está trabalhando muito, o armazém ficará hoje sem seus bolinhos, vamos aproveitar esta tarde bonita para conversar e nos entender. As meninas só voltam lá pelas dezessete horas. E venha você também, moleque. Vamos os três. Feche a casa, Manuela, enquanto vou ao armazém dar ordens para o Oswaldo. Vá indo na frente com o menino, encontro vocês logo, vão pela estrada da Capoeira."

Papai saiu e mamãe sorriu, feliz.

"Vamos, Raul, vamos passear com seu pai. Feche a casa para mim, vou arrumar-me, acho que Manuel está mudando, tratou-nos tão bem..."

Logo saímos e fomos para o lado da estrada da Capoeira, que não era longe de casa, era caminho de diversas fazendas para a cidade.

Íamos de mãos dadas. Mamãe soltara seus cabelos, penteando-os, ficara muito bonita, estava perfumada e risonha. Recomendou-me:

"Raul, meu filho, preste bem atenção, seja obediente. Não deve irritar seu pai, fale pouco, fique quietinho, obedeça-lhe em tudo para agradá-lo. Fique perto de mim, não se distancie,entendeu? Estou tão contente, tenho fé em Deus e esperança no coração de que nossa vida irá mudar. Acho que ele me ama, está contente e tranqüilo. Quis passear conosco. Isso é bom, não acha?"

Fomos andando pela estrada, o campo estava florido e a tarde, morna e agradável. Olhava mais para mamãe, alegre, estava mais bonita ainda e era tão meiga e tão boa! Papai alcançou-nos, veio apressado olhando para trás, sorriu ao nos ver.

Passou a mão na minha cabeça, querendo ser agradável, mas não estava contente como minha mãe. Senti medo, não sabia por que, sentia uma ansiedade, como se a qualquer momento ele fosse tirar a cinta e surrar-me.

Continuamos a caminhar.

"Vamos até lá embaixo?" -sugeriu papai.

"Não é longe? As meninas podem voltar" -respondeu mamãe.

Ora,Manuela, elas estão com Pretinha e não de moraremos, estou hoje com vontade de andar. Não acha agradável andar pelo campo?"

"Está mesmo muito agradável. Vamos."

Foram conversando, papai pareceu-me um tanto estranho, olhava muito para os lados, enquanto mamãe ia feliz com a atenção recebida. Ela se recordava de sua infância na fazenda, de seus pais, de quando namoravam, da coincidência de nomes. Saímos da estrada, descemos um pequeno morro. Eu ia calado, ao lado de mamãe, como ela recomendara, catava pedrinhas e jogava-as.

"Aqui está. O velho poço abandonado" -disse meu pai.

"Não acha perigoso, Manuel, deixar um buraco assim aberto em pleno campo?"

"Foi aberto porque julgaram achar água, como não deu em nada, abandonaram-no. Venha, vamos vê-lo. Manuela, você disse a alguém que íamos sair? Encontrou com alguém no caminho?"

"Não, ninguém."

Muitas e muitas vezes, brincara por ali; mas, por recomendações, não chegávamos muito perto do poço porque sabíamos que poderíamos cair. Papai aproximou-se e chamou-nos.

"Venham vê-Ia. Curioso, é bonito, não tem perigo, é só ter cuidado."

Aproximamo-nos, mamãe chegou bem perto dele, eu fiquei a uns dois passos dela. Aí, tudo aconteceu. Meu pai feriu-nos e jogou-nos ali dentro do poço.

Eu indagava: "Por quê? Por quê?" Não entendia, não conseguia entender; pensando nele, não sentia raiva, parecia-me que ele tinha motivos para fazer o que fez. Nem medo dele tinha mais, não achava ruim o que nos fizera e não sentia nem um pouco de ódio. Lembrei que, uma vez no catecismo, fiquei bravo com os homens que mataram Jesus, após ouvir a história da crucificação.

"Ah, se estivesse lá" -exclamei -, "mataria todos eles sem piedade!"-Fechei o punho, ameaçador, e dona Mariana, a catequista, respondeu-me com brandura:

"Raul, Jesus passou por muitos sofrimentos, ingratidões e até traição; compreendeu a maldade deles, aceitou tudo com muito amor. Perdoou-lhes e pediu para o Pai perdoar-lhes, deixando-nos o exemplo a ser seguido. Por que não perdoamos também? Não devemos ter raiva de ninguém, mas compreender as maldades que nos fazem."

Senti-me mais tonto ainda, estava estranho, as dores suavizavam e um frio invadiu-me. Pensei nele, lembrei com detalhes o rosto de meu pai, sua expressão ao me segurar; odiava-me e eu não sabia o porquê. Tentou matar-nos, ferindo-nos tanto, e eu o perdoava, perdoava de coração.

"Perdôo-lhe, papai" -disse em prece. -"Perdôo-lhe e não vou querer mal ao senhor, não vou!"

O SOCORRO

Pararam as lembranças; por uns instantes, fiquei como que vazio.

-Venha, querido, dê-me sua mão. .

Pareceu-me ser a voz de minha avó, escutava de um modo estranho, senti como se alguém me protegesse. Quis obedecer, esforcei-me e ergui a mão com mais facilidade do que pensava poder fazer. Virei a cabeça, já sem esforço, para cima e a vi.

Vovó estava sorrindo ao meu lado, segurava uma das minhas mãos que estendi e ela estendia-me também sua mão. Senti-me tonto, com a sensação de que ficara leve de repente e que me erguera do chão, do

fundo do poço.

Olhei para baixo, percebi que estava de pé e deitado Também ao mesmo tempo. Vi-me com nitidez, virado, todo sujo de sangue e imóvel.

-Não olhe para baixo, venha para meus braços.

Vi então que com minha avó estavam mais duas pessoas que não conhecia e também não consegui vê-las direito. Parecia que elas me soltavam de alguma coisa e esta coisa parecia ser eu mesmo, meu corpo.

Olhei com muito amor para vovó, era bom demais tê-la comigo nessa hora em que sofria e necessitava de carinho e proteção.

-Vovó! É a senhora mesmo? -falei com facilidade. Incrível, não sinto mais dores, a senhora veio ajudar-me? Não está morta?

-Ninguém acaba no mundo só porque teve seu corpo morto. Quando amamos, estamos sempre juntos, e eu amo você. Tem medo?

-Não, senhora, nunca iria ter medo da minha avozinha.

-Meu netinho, venha comigo.

-Não posso andar, até a pouco nem me mexia, as dores passaram, mas...

-De agora em diante, não terá mais dores, venha para meus braços.

Fui sem medo, amava demais minha avó, sentira sempre tanta saudade dela. Senti seus lábios na minha testa num beijo suave, cheio de carinho, como sempre fazia nos tempos em que morava com ela. Confortado, confiante, fiquei por uns instantes desfrutando a paz que me transmitia. Lembrei-me então de mamãe, que também carecia de socorro, olhei para baixo e estava mamãe do mesmo modo, como eu também. Nós dois, imóveis, quietos, machucados.

-Sou dois agora, vovó? -indaguei assustado.

-Não, Raul, você é um só. Você é este que sente, que conversa comigo, que está nos meus braços. O outro que está imóvel é só seu corpo. Não se assuste, meu neto, uma nova vida começa para você. Não quer ficar comigo?

-Sim, quero, o que mais quero é morar com a senhora novamente.

-Sabe que morri para o mundo físico, material, moro em outro lugar agora?

-Não faz mal, se eu morri, quero estar com a senhora.

-Vou carregá-lo, vamos sair do poço.

-E mamãe? Vem conosco? A senhora e seus amigos vão tirá-la do poço?

-Raul, sua mãe virá mais tarde, não se preocupe com ela.

Não me preocupei, sempre confiei em vovó, senti-me bem, acomodei-me nos seus braços carinhosos e um suave sono invadiu-me; ainda tentei abrir os olhos, não consegui, adormeci.

Acordei bem disposto, espreguicei, sentindo-me muito bem, depois olhei para os lados procurando por

Pretinha. Pensei estar acordando no meu quarto, mas era um quarto grande com várias camas, lugar claro, agradável. Respirei fundo, senti-me leve e disposto. Olhei pelo quarto todo, não conhecia aquele lugar, olhei-me, não estava com minhas roupas e sim com uma de dormir, limpa e perfumada. Apalpei-me, estava como sempre, sem nenhum machucado. Lembrei-me do poço, dos acontecimentos, de mamãe, senti medo. Quis gritar, mas não o fiz, encolhi-me a cama, cobrindo-me todo com o lençol. Acabei por conseguir dizer: "Valha-me, Deus! Será que é sonho, eu sonhei?"

-Como está meu homenzinho? Dormiu bem?

Descobri só um pouquinho o lençol, o tanto que deu para ver a dona da voz, olhei-a curioso. Era uma moça muito bonita, risonha e alegre. Senti-me mais tranqüilo, ela pareceu-me boa. Sorriu para mim e sentou-se na minha cama.

-Não fique assustado, sou sua amiga. Como se sente?

-Eu? Bem, não sei. Poderia dizer-me se sonho?

-Claro que não, veja, vou beliscá-lo.

Apertou minha bochecha direita, riu alto e acabei por descobrir-me, soltei mais meu corpo e sorri também.

-Raul, meu querido! -Escutei a voz de vovó que chegava.

-Vovó, avozinha!

Abraçamo-nos, beijamo-nos.

-Raul, meu neto, estaremos sempre juntos agora.

O medo passou, sentei-me na cama, passei meus braços em torno do corpo dela como se a segurasse para sempre junto a mim.

A moça, minha nova amiga, fez um adeusinho com a mão e saiu, deixando-nos sozinhos.

-Estamos no céu, vovó? Mora aqui? Que é dos amigos? Conhece o anjo Gabriel? Gostaria de vê-lo, acho-o tão lindo!

Vovó sorriu.

-Saberá de tudo aos poucos, meu neto. O céu como pensa não existe, aqui é uma das moradas espirituais, linda e acolhedora. Anjos são espíritos bons que trabalham em ajuda a todos. Mas como se sente?

Pulei da cama, sentia-me muito feliz com a presença de vovó. Não senti medo ou receio, a nova forma de vida estava encantando-me, ainda mais sabendo que agora ficaria com vovó Margarida. Mas lembrei-me de mamãe, se estava viva no corpo, deveria estar machuca da, ou, se estava morta, deveria estar também ali.

-Vovó, e mamãe? Não está aqui?

-Aqui, Raul, é morada dos mortos da matéria.

-Morri mesmo? Nem acredito. Tinha impressão de que a morte era complicada.

-A morte do corpo é um fenômeno simples que acontece a todos nós. Sim, seu corpo morreu.

-Mãe não morreu? Foi mais ferida, caiu primeiro. Ainda está lá? Está sozinha?

Vovó entristeceu-se por uns instantes, voltando a sorrir em seguida.

-Ninguém está sozinho, estarei sempre que possível com minha filha, não se aflija, por favor. Deus é bom demais, Manuela ficará boa.

-Eles a acharam? Deve ser noite, está escuro.

-Claro que a acharam, não deve se preocupar com isso, agora. O importante é você estar bem.

-E vovô? A senhora dizia que quando morresse queria ficar com ele!

-Aqui não é bem como pensava que fosse. Não ficamos todos no mesmo lugar. Há muita justiça e uns, como seu avô, necessitam ficar em outros lugares para compreender e se arrepender dos erros cometidos.

Lembrei que vovô, nas conversas que eu escutara, fora mandão e genioso:

-Está no inferno? -indaguei resabiado.

-Não, Raul, o inferno eterno não existe, mas há lugares feios e tristes onde ficam os imprudentes, por certos períodos, até se arrependerem. Compreenderá aos poucos.

-Vovó -acenei para que se aproximasse e disse-lhe, baixinho: -Sabe quem nos jogou no poço? Foi meu pai, foi ele mesmo.

-Vamos esquecer isso também, por enquanto.

-Não tenho raiva dele, já o perdoei, como ensinou Jesus no Pai-Nosso.

-Raul, orgulho-me de você, procede do modo mais certo: quem perdoa limpa-se e torna-se leve; foi por isso que pôde vir para cá e estar comigo.

Mudamos de assunto, começamos a falar do tempo em que vivíamos juntos, de fatos interessantes. Senti-me tão feliz ao lado dela que não pensei mais nos acontecimentos tristes.

Vovó acomodou-me no leito, orou comigo, agradecendo por estarmos juntos. Beijou-me, senti sono, dormi tranquilo. .

Devo ter dormido muito, porque acordei com vovó me chamando:

-Raul!

Acordei, pulei nos braços dela, beijando-a.

-Está muito bem, menino. Vou levá-lo para minha casa.

-Não mora aqui, vovó?

-Aqui é um hospital, onde ficou uns dias se recuperando. A vida continua e não é só dormir. Conhecerá minhas amigas que moram comigo. Venha, mostrarei a colônia a você.

Vovó ajudou-me, mas eu sentia que mãe chorava por mim. Estranho, eu sabia que ela me chamava. Eu disse para minha avó:

-Vovó, é mãe, sinto que está chorando e que chama por mim!

-Manuela sabe que você morreu, está triste e chora, mas isso passa. Quando sentir isso, ore e se distraia.

Não deve se preocupar com ela, as mães sempre choram por seus filhos.

-Que bobagem, vovó! Se mamãe pudesse ver-me não iria chorar por mim.

Não falei mais nada, mas pensei: "Acharam mamãe e ela sabe por que morri. Papai deve estar arrependido e tudo ficará bem, lembro que sofremos e choramos quando vovó morreu e agora eu a vejo viva em espírito e estou junto dela".

-Raul -disse vovó -, não deve dizer que morreu, use o termo certo, você desencarnou, isto é, está vivo, sem o corpo carnal. Ninguém acaba, Raul, vivos sempre estamos, no corpo dizemos que estamos encarnados ou reencarnados; sem o corpo de carne, estamos desencarnados.

-Que interessante!

Saí do quarto e vi que o hospital era grande, limpo e agradável, rodeado por um grande jardim com árvores e muitas flores. De mãos dadas com vovó, ia olhando tudo, encantado! Passamos por um portão, chegando a uma rua toda limpinha e arborizada.

Tudo é tão lindo, vovó, mais parece uma cidade, ruas, casas, que coisa!

Vovó sorriu.

-É uma cidade, Raul, só que no plano espiritual; a vida continua!

-Por que, vovó, os encarnados -sorri ao falar o termo aprendido -não sabem disso?

-Muitos sabem, Raul; outros preferem complicar algo tão simples e perfeito.

-Como é bom morrer, digo, desencarnar! -Rimos.

Chegamos à frente de uma casa rodeada de um pequeno jardim, cheio de flores.

-Aqui é meu lar e seu também de agora em diante; venha, entremos.

A casa era limpinha, agradável; as amigas de vovó, quatro senhoras simpáticas e bondosas, receberam-me alegres e logo fiquei à vontade.

-Este é seu quarto, você ficará comigo,

Em pouco tempo, conheci tudo e tomei-me amigo das companheiras de vovó. Despediram-se de mim, dizendo que iam trabalhar, achei estranho e corri para indagar.

-Vovó, vovó, elas foram trabalhar? Aqui não se descansa pela eternidade? Vejo-as felizes, e vão trabalhar?

-Raul, será que pessoas dinâmicas seriam felizes sem fazer nada? O trabalho é a alavanca do progresso espiritual. Há muito o que fazer aqui. Será que você não se cansará de ficar à toa? Não irá querer saber como é aqui? Poderá aprender, estudar. Não foi auxiliado? Ajudamos você a desencarnar, foi atendido no hospital, isso é trabalho, é o que fazemos aqui. O céu que muitos imaginam na Terra não é o da realidade, não ficamos ociosos pela eternidade. Desencarnar é como mudar, muda-se a forma de viver. Somos eternos, a vida continua e não se cresce sem estudo e trabalho.

-A senhora falou que nem todos que desencarnam vêm para cá; podem ir para onde?

-Muitos lugares, lindos e agradáveis como este; feios e tristes, para os maus.

-Vovó, se papai desencarnar, irá para um lugar feio?

-Não sei, Raul, se não se arrepender, irá. Mas você não deve se preocupar com isso agora.

-Vovó, se vou morar aqui, quero conhecer, aprender, não gosto de ficar à toa.

-Como me alegro em vê-lo disposto! Vou levá-lo amanhã a uma escola onde aprenderá com outros jovens o que necessita saber.

-Escola?!

-Não é só porque desencarnou que se tornará sábio e saberá de tudo. Para saber é necessário aprender e estudar. Agrupam-nos em escolas, em salas de aula. Quem sabe ensina para os que querem aprender. A escola para onde irá é para crianças e jovens, tendo também adultos, é grande e espaçosa. Fará muitos amigos, jovens como você; lá passará o dia todo e só virá encontrar-se comigo à noite.

-Não ficaremos o tempo todo juntos?

-Raul, estaremos juntos, mas não o tempo todo. Você estudará e eu tenho minhas tarefas, meu trabalho. Não posso ir à escola com você, nem você comigo ao meu trabalho. Cada um de nós tem uma ocupação e não podemos estar o tempo todo juntos. Isso acontece com os encarnados também; a vida continua.

Aguardei ansioso o dia seguinte e logo cedo fui conhecer a escola com vovó. Andamos pelas avenidas, onde as pessoas nos cumprimentavam contentes. Vi um senhor de mãos dadas com um garoto que, como eu, olhava tudo, encantado. Pareceu-me ser o pai dele, e lembrei-me do meu.

-Vovó, é melhor não dizer a ninguém o motivo de meu desencarne. Não quero que meu pai venha a ser preso e depois me envergonhar.

-Raul, os acontecimentos aqui não são iguais aos da Terra. Não podemos esconder os fatos e não tem por que se envergonhar, verá isso com o passar do tempo. Creio que ninguém o interrogará e não precisa contar, se não quiser. Quanto a ser preso, está entre desencarnados que não efetuam prisões.

-Vovó, sinto que meu pai teve motivos para fazer o que fez, só que não o entendo, eu esforcei-me por gostar dele. Às vezes, sentia que ele também, só que não conseguia. Qual o motivo do ódio dele, vovó? A senhora sabe? Se há motivos, gostaria de conhecê-los.

-Raul, o progresso exige mudanças, transformações, nosso modo de viver não é eterno, como nós. Estamos sempre mudando, ora vivemos revestidos do corpo carnal, encarnados, ora estamos aqui, no plano espiritual, desencarnados. Vivemos muitas vezes na Terra, renovando os corpos.

-Que legal! Já fui outras pessoas?

-Não, querido, você é sempre o mesmo; já teve, sim, outros corpos, conseqüentemente, outros nomes, viveu em muitos lugares, teve acertos, erros, aprendendo e crescendo espiritualmente.

-Erros. Vovó, é isso, sinto que errei muito e minha morte, quer dizer, meu desencarne violento se deu em razão de meus erros do passado.

-Sofremos, Raul, o que fizemos outros sofrerem.

-Parece que sei disso, a senhora fala e parece que recordo. É estranho, sinto que tive realmente outras existências, e junto com meu pai. É possível?

-Sim, Raul, é possível. Laços de amizade ou de ódio são fortes. E a Justiça Divina sempre coloca juntos nas encarnações os que se odeiam para pôr fim a esse sentimento inferior.

-Da minha parte, acabou; gosto do meu pai, amo mamãe. Se meu pai nos odeia, coitado dele...

-Sim, é verdade, quem odeia é digno de dó.

Chegamos ao Educandário, assim era chamada a escola de jovens e crianças. O prédio, muito grande, era rodeado de jardins floridos e parques com brinquedos espalhados.

-Como é grande! Como é maravilhoso!-exclamei, admirado.

-Este lugar, Raul, é local de estudo e também morada para aqueles que não têm parentes aqui. Do lado direito estão as classes dos jovens e do outro lado, as das crianças. Há muitos professores e todos vivem felizes.

Após atravessarmos o portão, entramos na recepção, onde fomos atendidos por uma senhora simpática, que abraçou vovó e depois a mim.

-Veio acompanhar o netinho, Margarida? Que mocinho lindo! Como está?

-Bem, obrigado -disse, um tanto encabulado.

-Gostará daqui, Raul, conhecerá hoje toda a escola, levarei você à classe que freqüentará.

A escola, ou melhor, o Educandário, muito limpo, pintadinho e cheio de plantas floridas, encantou-me. A senhora que nos recebeu deu algumas explicações à vovó.

-Margarida, Raul estudará em classe especial. São vinte meninos da mesma faixa etária que tiveram desencarne in comum. São espíritos inteligentes e com conhecimentos anteriores. Terá só um professor nesse período, é o professor Eugênio, dedicado e amigo, mestre de quem seu neto muito gostará. Aqui é a Direção, venham conhecê-la.

São muitas pessoas que aqui trabalham visando ao bem de todos os nossos jovens e crianças.

Olhava tudo, maravilhado, nunca vira lugares tão lindos e grandes. A nossa cicerone continuou:

-Aqui ficam as moradias, masculinas e femininas, o pátio, a ala das crianças, que são repartidas por idades, ali está o berçário.

Vi crianças de todos os jeitos e muitas brincavam felizes pelos parques.

-Terá tempo, Raul, para conhecer tudo. Venham, nesta parte estão as salas de aula; aqui está a sua.

-Devo ir agora, Raul - disse vovó, beijando-me na testa.

Nossa condutora bateu na porta e um senhor agradável, risonho, abriu-a e deu-me um abraço.

-Você é Raul? Esperávamo-lo, venha conhecer seus colegas.

Despedi-me com um aceno de mão da senhora que me acompanhou. Fiquei encabulado, mas o professor não me deixou sentir receio; tomou-me pela mão e observou-me de modo agradável. Corri o olhar

pela classe, grande, confortável, limpa e bonita. Meus novos colegas eram só meninos de onze a quatorze anos, olharam-me sorrindo, dando-me boas-vindas.

-Este é Raul, recém-chegado do lar terrestre -disse o professor. -Este é... -Foi dizendo o nome de todos, um por um.

-Não se preocupe, Raul, logo saberá o nome de todos. Sou o único professor de vocês, irá estudar gramática, matemática, matérias de conhecimentos gerais, como também moral cristã e o Evangelho. Sente-se aqui; depois, se quiser, troque e sente-se onde achar melhor, porém não incomode ninguém. Continuemos nossa aula.

Meu coração bateu forte, observei tudo, curioso e maravilhado. Os meninos, interessados, prestavam atenção, senti que eram amigos e gostei do meu novo mestre.

-Estamos falando, Raul, da imensa Bondade e Sabedoria de Deus, nosso Pai, que nos dá sempre oportunidades a cada reencarnação de melhorarmos e progredirmos.

"Nem todos os encarnados crêem na reencarnação. São muitas as formas de crença. Porque para os ateus, que não crêem em nada, o mundo surgiu ao acaso, como nós também surgimos. Não sabem explicar como tudo surgiu, têm muitas teorias; não crêem em Deus, mas no acaso. E, dentro desse acaso, há formas complicadas, chegando a um ponto em que não têm mais explicações. Para outros crentes, a maioria, Deus criou tudo e a nós também, só que acreditam que somos criados na concepção, juntamente com o corpo, tendo uma só existência. Fazem de Deus um carrasco, porque as diferenças ficam para o acaso: sorte ou azar. Uns são perfeitos, ricos, inteligentes; outros, defeituosos, débeis. Temos as oportunidades de renascer no corpo muitas vezes. O Pai nos criou iguais, somos nós que fazemos as diferenças. Criou-nos livres, temos o livre-arbítrio de plantar e, obrigatoriamente, temos de colher o que se plantou. Assim, as diferenças são explicadas pelas reencarnações e pela Lei de Causa e Efeito."

-Professor Eugênio -disse um dos meus colegas -, o desencarne precoce, ou seja, a morte do corpo, quando este é jovem, é uma colheita?

-Mário, nem sempre, não há regra geral na espiritualidade sobre esse assunto. A reencarnação é necessária ao nosso crescimento espiritual, estar revestido do corpo carnal não é fácil. Para uns espíritos é necessário passar pouco tempo encarnado para seguir às esferas superiores. Podemos comparar a Terra a uma prisão e a pena de cada um é diferente; uns têm algum tempo; outros, muito tempo. findando, partem para sua libertação. Para outros, o desencarne no corpo jovem é aprendizado, colheita.

-Para mim foi uma colheita -disse Mário. -Achei ludo interessante!

O professor respondia às indagações com paciência e dedicação. Pensei: "Vou gostar mais desta escola que da outra que cursava como encarnado". O professor continuou:

-Para a maioria, é aprendizado, Mário. Estão aqui reunidos vocês que deixaram corpos de carne como jovens, mas que são espíritos adultos e de muitas existências, com erros e propósitos de acertos, tanto que

todos têm histórias interessantes vividas e uma encarnação de colheitas de outras existências.

Olhei-o um tanto desconfiado e pensei: "Tomara que não saibam que meu pai matou meu corpo!"

O professor, entretanto, pareceu nem notar minha preocupação e continuou a aula falando da beleza da reencarnação, das oportunidades que cada um tem de reparar seus erros e aprender a amar a todos como uma grande família. Quando terminou a aula, os meninos ficaram conversando e, para meu alívio, ninguém me perguntou como desencarnei.

-Ei, Raul, conhece a biblioteca? Não? Venha conosco, poderá pegar os livros que quiser, todos nós estamos

adquirindo o hábito de ler. Tem uma quantidade enorme de livros aqui.

A biblioteca fica na ala das salas de aula, é grande, espaçosa, com muitas estantes, todas cheias de livros.

-Já leu este? -indagou Tião. -Leia, que gostará. É a história de Jesus para jovens. É lindo!

Pelo corredor, vi que outras salas tinham professores diferentes, e Tião explicou-me:

-Somos orientados aqui conforme nossas necessidades. As salas de aula são agrupadas de acordo com as necessidades básicas de cada um.

No pátio despedimo-nos, a maioria seguiu para os alojamentos e outros seguiram para o portão. Vovó esperava-me.

-Então, Raul, gostou?

-Muito, vovó, gostei demais.

-Vim buscá-lo somente hoje. Tenho muito o que fazer, você é esperto, virá sozinho amanhã.

-Virei, sim, vovó, não quero incomodá-la, estou tão bem!

De mãos dadas, senti-me feliz, e estar desencarnado para mim era maravilhoso, eu queria agora aprender e conhecer.

APRENDENDO

Passei a ficar o dia todo na escola, assistia às aulas, com grande interesse, aprendendo gramática, matemática e outras matérias, como também as que nos davam explicações do plano espiritual. íamos muito à biblioteca, e meu interesse cresceu em relação aos livros, passei a lê-los com gosto. Conversávamos no pátio e eu ia aos parques brincar com outros meninos. E quase todos sentiam saudade de seus antigos lares e de seus familiares. As horas de lazer eram agradáveis e eu me sentia sempre feliz. Amávamos o professor Eugênio, que para tudo e todos tinha uma resposta delicada e sábia. Aprendi com facilidade, como se recordasse; uma das partes de que mais gostava era quando um dos colegas contava fatos ou mesmo a história de sua vida. E, aos poucos, fui percebendo que não tinha do que me envergonhar e esconder sobre meu desencarne.

Cada um de nós naquela classe tinha uma história incomum, conseqüências de erros de outras experiências.

Naquele dia, escutara Marcílio, que contara, comovido:

-Desencarnei assassinado. Vou narrar a vocês a história de minha vida. Meu pai desencarnou, deixando minha irmãzinha e eu bem pequenos. Logo após, minha mãe casou-se novamente. Meu padrasto nunca nos aceitou, minha irmã e eu passamos por momentos difíceis, mas fomos vivendo. Nasceram mais quatro irmãos. Morávamos num sítio, estava com onze anos, havia nesta época um potro bravo que ninguém conseguia montar. Naquele dia, estava a sós com meu padrasto no curral, vi-o laçar o potro e me desafiar:

"Monte neste cavalo, menino."

"Eu não, ele é bravo!"

"Tem medo? É covarde como seu pai."

"Enfureci-me, mas nada respondi, aí ele me pegou e me jogou em cima do potro, que saiu pulando como doido. Ainda o escutei rir, fiquei apavorado, tentei me segurar, não consegui e caí. Senti ser pisoteado pelo potro, nada mais vi ou senti, acordei e soube que desencarnara. Aqui me senti feliz, o tempo foi passando e tudo parecia normal.

"Mas minha irmãzinha, um ano mais nova que eu, enfrentando dificuldades, começou a pedir-me socorro, chamando-me para ajudá-la. Como isso é normal por aqui, estamos sempre escutando dos meninos os comentários que sentem, os pais chamarem de saudade ou por não se conformarem com seus desencarnes."

-É verdade, Marcílio -interferiu o professor Eugenio. -Tantos, por não entenderem o que seja a morte do corpo, desesperam-se diante do desencarne de um filho, neto, choram e chamam por eles, deixando-os intranqüilos e tristes aqui.

-Que devemos fazer diante desse.s problemas, professor? -indagou Lúcio.

-Orar, Lúcio, orar por eles, distrair-se e até pedir auxílio dos professores e orientadores, tomar passes e tentar se equilibrar nos momentos difíceis. O tempo ajuda I' os entes queridos acabam tendo de enfrentar os problemas da vida, e o desespero dos primeiros tempos passa.

-Mas -continuou Marcílio -não era esse o meu caso. Só minha mãe e minha irmã sentiram meu desencarne, mas logo esqueceram. Todos acreditaram na história que meu padrasto contou, que eu dissera que iria montar no potro e que ia parar em cima dele, que ele ralhara comigo, proibindo, e que eu insistia, dizendo que ia ser um peão famoso. Quando ele me deixou no curral, ao escutar gritos, voltou depressa e encontrou-me no chão, já morto. Mas minha irmã chamava por mim em aflição, inquietei-me e contei ao professor; ele bondosamente propôs ajudar-me e fomos visitar meu antigo lar e saber o que ocorria com minha irmã. Tudo me pareceu do mesmo modo, mamãe com muito trabalho, preocupada com os filhos pequenos, e meu padrasto, como sempre. Olhei-o e senti dó, se minha desencarnação fora colheita, ele plantou e sua colheita viria. Leninha estava nervosa e com medo, o professor auscultou-a e soubemos que ela temia meu padrasto,

que já tentara violentá-la e a queria como amante. Chorei ao saber disso, mas o professor Eugênio lembrou-me de que o momento exigia confiança e eu deveria estar tranqüilo para ajudá-la. Não sabia o que fazer, orei com fé, pedi a Jesus que protegesse Leninha. Mas, se não sabia como socorrê-la, o professor, sabia. Vendo que meu padrasto tinha uma úlcera no estômago, colocou algumas gotas de um medicamento que trouxera na água que ele tomou, fazendo com que doesse. Com dores, teve de ficar acamado e não sentiu disposição para fazer o que planejara.

"Vamos agora, Marcílio" -disse o professor -, "ver quem poderá ajudar Leninha".

Visitamos meus poucos parentes, inclusive uma tia, irmã de meu pai, que enviudara recentemente e estava morando sozinha. O professor Eugênio, pacientemente, fez com que ela se lembrasse de Leninha para sua companhia. Minha tia gostou da lembrança e achou que foi Deus que a ajudou. Foi no outro dia à casa de minha mãe. Assim, pediu a minha mãe para Leninha morar com ela; minha mãe hesitou, o professor interferiu e ela deixou. O professor ajudou-me a resolver o problema de Leninha, que está feliz com minha tia e não me chamou mais. Hoje, conto tudo para agradecer ao professor pela ajuda que deu a mim e a minha irmã.

O professor sorriu e iniciou uma outra aula. Achei fantástico Marcílio ter voltado à sua casa e ter ajudado sua irmã, e pela primeira vez deu-me vontade de rever minha casa, sentia saudade de Pretinha, de Taís, de Telma, dos amigos e muita, muita saudade de mamãe.

Voltei para casa pensando nela. Como estaria?

Quando vovó me viu, foi logo dizendo:

-Que o preocupa, Raul?

-Minha mãe, estou pensando nela. Como estará ela? A queda foi forte e ela foi ferida com a faca. Estará bem? Difícil pensar que está encarnada. Sinto, vovó, ela chamar-me, parece que está chorando e que diz: "Raul, Raul, onde está você?"Faço o que o professor recomenda, oro por ela, procuro distrair-me. Acho que ela está sofrendo, vovó. Por favor, se a senhora sabe, diga-me como está ela. -Raul, nestes poucos meses aqui, já aprendeu muito. Toma consciência da vida espiritual, desencarnou tendo o corpo de um menino, quase adolescente. Entretanto, seu espírito é adulto e aceitou bem a desencarnação. Você, Raul, foi um privilegiado, viu seu desencarne, isso é raro; viu, sentiu, por não ficar com medo, porque estava tranqüilo, sem raiva, sem fluidos negativos. Tantas pessoas de conhecimento querem ver seu desencarne e não o conseguem, perturbam-se com pequenas coisas, acontecimentos, com alguns erros, apegados à matéria. Até se libertarem desses sentimentos, passam pela desencarnação quase sempre dormindo e não a vêem. Você viu ser desligado, seu desencarne, aceitou, adaptou-se fácil e está feliz. Isso não ocorre com todos, não ocorreu com sua mãe. Minha filha Manuela desencarnou antes de você.

-Desencarnou? Por que não a vi? Não a vejo? Não está aqui?

-O desencarne pode ser de muitos modos. Não é igual para todos. Tudo é muito justo, temos que receber o que fizemos por merecer.

"Poucos encarnados pensam na morte do corpo, vivem nas facilidades e errando. Entretanto a religião ensina-nos o bem. Todas as religiões, Raul, pregam a necessidade de sermos bons, para que evitemos as más ações, e sobretudo perdoar, perdoar sempre. As religiões cristãs dão-nos grandes exemplos nos Evangelhos, na vida de Jesus, que perdoou na cruz aos que lhe quiseram mal. Esses ensinamentos maravilhosos são muito esquecidos e os orgulhosos se ofendem muito com as más ações que recebem, e não perdoam. O rancor, o ódio, são pesos que os seguram na Terra; não perdoando, não podem vir para cá. Manuela não perdoou. Ao cair, seu corpo morreu, seu espírito ficou junto ao corpo, não como aconteceu com você. Seu corpo ficou horas vivo, quando acordou do desmaio, tomou consciência de tudo. Manuela, não; dormiu para acordar mais tarde."

-Perguntei à senhora se haviam nos achado, e disse que sim. Como foi?

-Quando desapareceram, houve buscas, dois dias depois os encontraram e os enterraram. Manuela, ao acordar, achou que estava ferida. Viu seu corpo e entendeu que você morreria, porém ela não. Quando os tiraram do poço, conseguimos tirá-la de seu corpo. Ficou confusa. Para ela, está encarnada e chora por você que morreu. Não menti a você, dormiu por dias no hospital. Quando lhe respondia, já haviam tirado vocês do poço. Você achou que Manuela estava encarnada, deixei que pensasse assim para não preocupá-lo e para que pudesse se adaptar bem aqui.

Não consegui falar mais, senti-me triste e chorei. Vovó abraçou-me, consolando-me, percebi que também sofria e estava preocupada com mamãe, que era sua filha e a quem amava muito. Esforcei-me, parei de chorar, beijei vovó.

-Vovó, eu estava tão feliz. Agora como continuar sendo? Sabendo que mamãe sofre, não conseguirei ser alegre.

-Raul, estar aqui é uma graça que devemos agradecer sempre. Estar aqui não é um privilégio, é merecimento. Se você não tivesse perdoado a seu pai, se não tivesse sido bom, não estaria aqui. A Lei do Universo é que semelhantes se atraem, somos levados após a morte do corpo para onde fizemos por merecer. Manuela conhece a lei do perdão, conhece o Evangelho, a vida do Mestre Jesus, entretanto, não segue seus ensinamentos, recusa-se a seguir os bons exemplos. Não pode ser socorrida, não aceitou o socorro, não quis perdoar e não pude trazê-la. Todos nós que estamos aqui, Raul, temos entes queridos que nos preocupam, a vida continua. Aqui estudamos, trabalhamos, continuamos a educar-nos, porém não perdemos a individualidade, a consciência de nossa última encarnação. Não deixamos de amar e nos preocupar com nossos entes queridos. Sua preocupação é normal, ama sua mãe; entretanto, não deve se entristecer, porque tristeza nada resolve. Vibre com carinho, ore por ela, mande-lhe pensamentos de otimismo, que conseguiremos ajudá-la. Sempre que posso vou até ela, procurando fazer com que compreenda e perdoe."

-Como está ela, vovó? Seu aspecto? Eu desencarnei, deixei o corpo machucado e fiquei sadio. E ela?

-Manuela está como desencarnou. Sente dores nos ferimentos, está suja e com o ferimento da faca a sangrar. Seu perispírito machucou-se com a carne por não ter perdoado, por não querer ser humilde. Ela vaga

pela redondeza, repete sem parar que quer se vingar, que odeia o esposo por tentar matá-la e por ter matado você. Não quer nem pensar em perdoar. Para perdoar temos de ser humildes; orgulhosa, acha que foi muito ofendida. Está ferida pelo reflexo da morte do corpo, que lhe foi muito forte. Isso é comum, muitos desencarnam assim, ou por culpa pelos muitos defeitos, sofrem anos e anos, só sendo socorridos quando clamam por socorro e reconhecem seus erros. Nesse sofrimento pedem a morte, sem saber que já têm essa graça. Socorridos, têm necessidade de fazer um tratamento para refazer seu perispírito nos núcleos de socorro, nos hospitais daqui.

-Vovó, quando a senhora vai até mamãe, ela a vê?

-Não, Raul, Manuela não me vê, está obcecada pela idéia de vingança, não vê mais nada. Sua vibração é baixa e inferior pelo ódio que sente; julgando-se encarnada e sabendo que desencarnei, terá medo de me ver. Raul, para sermos felizes, basta-nos tão pouco e, como depende de nós, às vezes basta perdoar com sinceridade e pedir perdão.

-Vovó, a senhora foi ajudar-nos. A senhora sabia antes, ou ficou sabendo na hora em que caímos? Aqui a gente sabe das coisas que vão acontecer?

-Não nos tomamos adivinhos, Raul. Do futuro só podemos entender os resultados; vendo as ações, sabemos das reações. Não sabemos o que vai acontecer, mas sabemos das intenções. Sabia pelos pensamentos do seu pai o que ele planejava; ficou dias pensando como fazê-lo. Tentei, de todos os modos possíveis ao meu alcance, mudar seus pensamentos. Temos o nosso livre-arbítrio e não podemos interferir na liberdade do próximo. No passeio, tentei ajudá-los, fazendo com que outras pessoas os vissem, fossem com vocês; não consegui, só você desconfiou, mas Inocente como era, não entendeu as atitudes de seu pai.

"Acompanhei sua agonia e, graças a Deus, pude retirá-lo do corpo logo que este morreu."

-Foi corajosa, vovó. A senhora dizia que queria desencarnar para ter sossego, para não saber dos muitos problemas dos filhos e netos. Aqui se preocupa com todos nós, sabe de todos os problemas e dificuldades, vê vovô sofrendo, mamãe neste estado e está sempre alegre a sorrir. Admiro-a!

-Raul, aqui aprendi a confiar, sei com certeza que nenhum estado é eterno; ora estamos aqui desencarnados, ora revestidos da carne, encarnados. As oportunidades de melhorar são para todos. Sei que chegará um dia em que meu esposo se arrepende de seus erros, que minha filha perdoará, e que os terei junto de mim, novamente. Lembre, Raul, que tristezas não ajudam, só atrapalham; devemos ser alegres, alegria é um estado, é um modo de ser que devemos conquistar.

Vovó calou-se. Necessitando ainda de descanso, despedi-me dela, abraçando-a carinhosamente. Fui para meu quarto e orei, orei muito por nós e dormi. A prece sincera nos dá a tranqüilidade necessária. .

ESCUTANDO AMIGOS

Fui à escola pensando na conversa que tivera na véspera com vovó. Será que eu não posso ajudá-la? Será que não há um modo de ajudar mamãe?

O professor Eugênio iniciou a aula. Tentei esquecer minhas preocupações e prestar atenção às suas explicações, mas não consegui, só pensava em mamãe sofrendo, andando de um lado para o outro, machucada e chorando por mim.

Logo, o professor Eugênio indagou:

-Que se passa com você, meu rapaz? Que o preocupa a ponto de estar tão distraído e pensativo? Podemos ajudá-lo?

-Não -respondi de imediato.

Olhei para meus colegas, eles observavam-me carinhosamente, ninguém estava curioso, vi nas suas fisionomias, compreensão. Lembrei que estávamos reunidos naquela sala de aula, considerada especial no Educandário, por termos problemas incomuns. Nesse tempo em que freqüentara a escola, só recebi amizade, carinho, ninguém indagara minha vida, como desencarnei. Confiava neles, respeitava a sabedoria e a simplicidade, do professor Eugênio, gostava muito de todos. Naquele momento senti vontade de falar, mas estava indeciso. O professor esperou pacientemente por minha resposta; vendo-me tão incerto, continuou:

-Se não quiser falar o que o preocupa, não precisa; não tenho a intenção de ser indiscreto. Aqui estou para ajudá-los, sou amigo de todos vocês, de você, Raul, e amigos são para ajudar quando necessitamos. Todos nós passamos por experiências várias, dificuldades que, repartidas, são mais bem suportadas, ou, se esclarecidas as incertezas, torna-se mais fácil a solução, e aqui estou para esclarecê-los.

Deu-me um sorriso tão cheio de carinho que levantei da minha mesinha, corri para seus braços, emocionado, deixei que as lágrimas molhassem meu rosto. Meus colegas davam-me força com seus olhares; desprendendo dos braços do professor, falei:

-Minha vida encarnada foi diferente, assim pensava até que ouvi as narrações de vocês. Confesso que temi que soubessem como desencarnei. Agora quero narrar minha vida.

Fui falando, contei toda minha vida, ninguém ousou fazer nenhum comentário, todos estavam silenciosos prestando atenção. Ao falar do meu desencarne, senti-me meio engasgado, mesmo entre amigos não era fácil dizer que fora meu próprio pai quem matara meu corpo físico. Ao terminar, já me senti bem melhor, fiz uma pausa. O professor Eugênio olhou-me, incentivando-me a continuar. Sabia que não era meu desencarne o motivo de minha preocupação.

-Continue, Raul - disse carinhoso, e senti que todos me compreendiam e estavam com vontade de ajudar.

-Mamãe não perdoou, ela odeia meu pai, quer se vingar. Eu fui socorrido, ela não tem condições, vibra

com ódio e rancor. Amo mamãe, amo a todos os meus, ela sofre e eu me preocupo com ela. Vovó está tentando ajudá-la, queria poder fazer algo por ela. Sei com certeza que, se pudesse falar com mamãe, ela me escutaria. Ela me quer bem, sofre porque morri, e não sabe que desencarnou. Se ela me visse, faria com que entendesse, pediria para que perdoasse; ela, perdoando, poderia ser trazida para cá. Sinto-me triste por isso. Por minha vida, não; gosto daqui e para mim tudo está bem. Meu pai matou-nos, mas sinto que ele deve ter seus motivos, talvez nenhum que se justifique, mas quero-lhe bem e ele não me preocupa, perdoei-o de coração. Mamãe é diferente, sempre foi boa, trabalhadeira, religiosa. Desencarna e fica sofrendo assim, por que não consegue perdoar?! Vovó disse-me que está como desencarnou, suja, machucada, ensangüentada, falando em se vingar, com ódio. Meus amigos, professor, eu queria ajudá-la, queria tanto, sinto que conseguirei; desencarnamos juntos do mesmo modo, sofrendo dores parecidas, terei argumentos para convencê-la...

Dei por finalizada minha narrativa e fui sentar-me no meu lugar. O professor Eugênio continuava tranqüilo, ele conhecia detalhes da vida de cada um de nós; sendo discreto, esperava que nós mesmos disséssemos, e sabia como nos ajudar. Mas, sabiamente, ensinava-nos a mais bela lição, a de nos ajudarmos uns aos outros.

-Compreendo você, Raul; vamos ajudá-lo. Quem de vocês quer dizer algo ao amigo que nos confia seus problemas? ,

Três dos meus companheiros levantaram a mão.

-Muito bem, vamos escutá-los, apresentem-se um de cada vez, e prestemos atenção.

-Raul -disse Mário -, foi triste o que aconteceu com você. Episódios tristes só devem ser lembrados para servir de estímulo e nos manter firmes na estreita porta do bem. Porque agora compreendemos que a dor é reação das más ações. O que deve importar a você é seu futuro, o que pretende fazer e ser. Quanto à sua preocupação, mantenha a esperança, os períodos de sofrimento não são eternos e passam. O tempo trará melhoras à sua mãezinha e ela progredirá.

"Raul, falarei de mim para dar-lhe conforto e esperança. Não faz muito que estou aqui, tinha três anos de desencarnado quando fui trazido para cá.

"Ah! Minha vida encarnada! Fui criado solto nos arrabaldes de minha cidade natal, meu pai estava sempre bêbado e minha mãe constantemente envolvida com más companhias, só tive maus exemplos. Cresci vendo marginais, tendo dinheiro fácil, sendo, por medo, respeitado pelos moradores e tendo amigos ladrões. Com dez anos, participei de pequenos furtos, e minha mãe, incentivando, dizia que eu ia longe.

"Sentia às vezes que estava errado, que deveria ir embora, trabalhar, ter vida honesta. Tantas vezes sentia insatisfação daquela vida, porém passava rápido, aquela era a única forma de viver que eu conhecia.

"Estava com treze anos, fomos assaltar uma padaria, o assalto não saiu bem como planejamos. O dono conseguiu chamar a polícia e fomos perseguidos, fugimos, resistimos à ordem de prisão, jogando pedras nos soldados; eles atiraram, uma bala atingiu-me e desencarnei. Não usava armas, roubar para mim era aventura,

ganho fácil, nunca pensava em matar ninguém e nunca pensei em morrer. Desencarnei sofrendo muita dor e, por muito tempo, continuei sentindo. Nem minha família nem amigos se importaram com o que aconteceu comigo; logo todos me esqueceram. Ao meu enterro, só foram minha mãe e umas amigas, nenhuma oração. Revoltei-me, não quis acreditar quando espíritos zombadores disseram que meu corpo morreria; socorristas conversaram comigo, pedi socorro, levaram-me a um posto de socorro, onde curaram meu ferimento. Não quis ficar lá, tinha disciplina demais para mim. Vaguei, inconformado com minha sorte, fui ter nos umbrais, sofrendo mais ainda entre os maus. Cansei, arrependi-me e quis ter outro tipo de vida, quis com sinceridade ser bom e fui trazido para cá. Entendi que sem disciplina não há ordem nem organização e que é gostoso ser ordeiro. Hoje, estou bem. Preocupo-me com meus pais, com antigos companheiros, todos no caminho do mal, mas sei com certeza que voltarão ao bem um dia. Os sofrimentos, Raul, são lições que aprendemos pela dor, quando nos recusamos a aprender pelo amor. Sua mãe sofre por não ser humilde, por não aceitar o que lhe aconteceu, julgando-se não-merecedora da infelicidade que lhe ocorreu.

"Para tudo há explicações, embora não entendamos as causas dos sofrimentos por que passamos. Devemos aceita-los acreditando serem certos, porque Deus é justo e devemos n'Ele confiar."

-Você, Mário, sendo criança, vagou? Sofreu o que minha mãe sofre? -indaguei curioso.

-Não confunda criança com inocência. Meu corpo era novo, não eu, propriamente; sou espírito milenar, de inocência nada tinha. Sabia que procedia errado, achei mais fácil seguir os exemplos dos que me rodeavam do que me corrigir. Inocentes, estes não vagam. Como fui socorrido e agora sou orientado, sua mãe também será um dia. Não tenho vergonha de minha vida, quero mesmo é modificar-me. Você, Raul, desencarnou sem culpa; eu, com muitos erros e vícios. Você não deve ter dó de você mesmo, fuja da auto piedade, muito tem de aprender e construir. Eu tenho me esforçado, aconselho você a fazer o mesmo.

-Obrigado, Mário -disse comovido -, acho que você não deve se aborrecer por seus erros, afinal, foi a educação que recebeu. Isso foi levado em conta, Jesus disse: "A quem muito foi dado, muito será pedido. O servo que não sabe das coisas do seu senhor e errou é digno de poucos açoites".

-Por isso fui socorrido, meu amigo, mas, se encamei "li foi por afinidades, por merecer. Recebemos no presente o que fizemos no passado.

Mário finalizou, o professor Eugênio sorriu, aprovando seu pupilo, e disse:

-Fale você agora, Adão.

-Raul, todos nós aqui, moradores ou hóspedes deste Educandário, temos histórias interessantes referentes ao nosso desencarne. Já observou, meu amigo, que somos um grupo um pouco diferente dos demais jovens daqui? Os outros têm vários professores, são mais saudosos de seus lares, mais infantis. Nós, aqui, parecemos mais adultos e conscientes de nossos erros e acertos. Temos um professor especial, sábio, amoroso, a ajudar-nos sempre com sua experiência e bondade. Não deve se preocupar nem se envergonhar com sua desencarnação. Desencarnações trágicas acontecem sempre, todos os dias, e você não é o único a ter o corpo

morto pelo pai. Há muitas dessas infelicidades, pais que matam filhos, filhos que matam pais. Deve esquecer, não pensar neste episódio triste. Admiro você, Raul, sua capacidade de perdoar e sua compreensão; sua coragem é lição para todos nós. Mas, se não tivesse perdoado, estaria sofrendo. Pelo que aprendi, o algoz também sofre. Plantou e terá de colher. Sofre também a vítima que não perdoa.

-E verdade, Adão -interferiu o professor com delicadeza. -Quem odeia e não perdoa sofre muito. O perdão é o refrigerio das almas perseguidas e ofendidas. Perdoando, desligamo-nos de quem nos ofendeu, ódio é vínculo que prende um ao outro, trazendo muitos infortúnios. Estou contente a escutá-los, por favor, continue.

-Raul -prossegiu Adão -, aceitamos melhor o que compreendemos e para cada uma destas desencarnações trágicas há uma explicação. Você sente isso ao nos dizer que lhe parece justo. Entretanto, não havia necessidade de seu pai ser o assassino, de cometer esse duplo crime. A meu ver, sua mãezinha, sendo boa e honesta, acabará entendendo, mas deve ajudá-la; acho-o bondoso por preocupar-se com ela, pois, se ela não conseguir perdoar, o círculo não se quebra e talvez, no futuro, será ela a assassina.

Após pequena pausa, indagou:

-Professor, o "não perdoar" é consequência do ódio? Por que teria o pai de Raul assassinado tão friamente se não os odiasse? -Sem esperar pela resposta, concluiu: Nada fez ele nessa existência que o ofendesse, deduzo. Na Terra estivemos revestidos do corpo carnal, muitas vezes; assim, já estiveram juntos, ele pode ter sido ofendido e não perdoou. Se não se quebrar esse círculo, temos sempre um algoz e uma vítima. Vejo a necessidade de ajudar sua mãe e de você se preocupar com seu pai, sim, porque ele odeia, e esse ódio deve acabar. Ele também não perdoou e deve perdoar.

-Sinto isso, Adão. Disse-me o que necessitava ouvir. Quando estou às vezes sozinho, lendo ou meditando, parece-me que sou outro. Ou há outro em mim, não sei bem. Vejo-me como um homem, um adulto muito mau que planeja matar; ora sinto que matei! São cenas que não entendo, mas que tenho certeza de que as vivi. Seriam lembranças do passado? Vovó diz que sim, mas também diz para não me preocupar agora com isso. É com mamãe que me preocupo. Você, Adão, tem razão, se mamãe não perdoar, acabará se vingando e este laço de ódio não acabará. É necessário acabar com as mágoas e reconciliar-se. Queria tanto que ela entendesse, perdoasse e estivesse aqui comigo.

-Deve confiar, Raul - continuou Adão -, aqui estamos cercados de pessoas boas demais. O professor Eugênio ajuda-nos sempre, leva-nos a visitar parentes, pais que choram aflitos, chamando-nos desesperados, deixando-nos inquietos, angustiados aqui. Ajuda-nos a consolá-los, lembrando-os da Misericórdia Divina, que Deus é Pai de todos nós, que antes de sermos filhos deles somos filhos de Deus. e que somos todos realmente irmãos. Ajuda-nos a conviver com a saudade, não deixando que ela nos entristeça. Todos nós, aqui, temos problemas, solucionados com a ajuda do professor. Confie, Raul, confie, ore e terá sua mãezinha aqui, muito em breve, se Deus quiser."

-Obrigado -disse-lhe agradecido.

Comecei a mudar. Preocupações contadas a amigos são repartidas. Senti-me aliviado, reconfortado e esperançoso. Passei a entender que estávamos presos, papai, mamãe e eu, pelo ódio. O círculo se desvincularia com o perdão e cabia a mim ajudá-los. Confiava na ajuda que teria e que estava tendo ali, escutando colegas e amigos.

Levantou-se meu terceiro companheiro.

-Raul, meu amigo.

Começou a narrar o risonho Tião. Seu aspecto era franzino, moreno-claro, com olhos inteligentes e expressivos. Pensei: "Deve ter sido feio quando encarnado, mas simpático". Todos nós gostávamos dele. Simples e leal, cativava a todos e talvez por isso me parecesse tão bonito. Deixei para lá minhas impressões e prestei atenção a ele, que continuou a se expressar com sua voz harmoniosa.

-Sinto muito por você estar sofrendo e triste, embora ache que estar preocupado com quem ama é sinal de amadurecimento, o começo para que no futuro se preocupe com a humanidade, já que todos somos irmãos. Vou contar-lhe minha história, para que você entenda que ajuda sempre temos, que todo sofrimento é justo e, se soubermos sofrer, aprenderemos muitas lições.

"Desencarnei meninote, doze anos, com câncer generalizado. Meu corpo carnal apodrecia, cheirando mal, fazendo-me sofrer muito. As pessoas que me viam comentavam penalizadas: 'Menino ainda, sofrendo assim!'

"Éramos muito pobres, tinha sete irmãos, meu pai Era lavrador e minha mãe lavava roupas de freguesas para ajudar nas despesas de casa. Morávamos numa cidade pequena, sem recursos, e nosso lar ficava no subúrbio, era pequeno: quarto, sala e cozinha. Fiquei doente com nove anos, mamãe primeiramente deu-me os chás caseiros, sem resultado. Como não havia médico na cidade, levou-me ao farmacêutico. O senhor Zezinho da farmácia não tinha estudos, mas entendia bem de doenças.

"Não sabia o que eu tinha, entendeu que era grave, deu-me remédios, mas fui piorando, até que, sem forças, não me levantei mais do leito e a vida física foi se extinguindo aos poucos. Sentia muitas dores, nas crises pensava sempre que ia morrer, chorava e gemia, e minha mãe, sempre comigo, chorava junto. Minha mãe, caro amigo Raul, foi sempre um anjo de ternura e carinho, tudo fez para amenizar meu sofrimento; entendendo que sofria por mim, para não vê-la triste e chorando, suportava as dores sem me queixar e tudo fazia para não gritar.

"Uns dias antes de desencarnar, senti-me diferente, estava tonto, confuso, parecia ver outras pessoas e ouvi-las conversar. As dores foram amenizando, estivera em estado de coma por dias e me desliguei devagarzinho da matéria. Dormi e acordei aqui no hospital, dias depois. Socorristas trouxeram-me e muito me ajudaram. Acordei e senti-me aliviado sem as dores. Disseram-me que desencarnara, suspirei agradecido por estar livre do meu padecimento. Recuperei-me rápido, queria sarar e minha resignação e fé em Deus ajudaram-

me muito. Tendo alta do hospital, fui trazido para o alojamento da escola, pois não tenho parentes aqui. Fiz logo muitas amizades. Meses depois, passei a sentir imensa saudade de casa, de minha mãe, comecei a sentir-me abandonado e sozinho. Trazido para estudar nesta classe, o professor Eugênio tudo fez para que me integrasse na nova forma de viver e prestasse atenção às aulas. Mas a saudade que alimentava doía e a vontade de estar perto de minha mãe atormentava-me. O professor Eugênio bondosamente me levou para visitá-los, para que pudesse vê-los. Fiquei contente, emocionado volitei com o professor pelos campos e pela minha cidade. Ao avistar meu antigo lar, meu coração bateu forte.

"Professor Eugênio, como mamãe ficará contente em me ver curado!" -disse-lhe, comovido.

"Tião, não se esqueça do que aprendeu, nenhum dos seus familiares poderá vê-lo."

"Achei impossível, claro, pensei que iam ver-me. Entrei confiante e alegre no meu antigo lar. Ninguém estava em casa. Notei pela primeira vez como éramos pobres, tínhamos tão pouco, mas tudo era limpinho. Minha cama não estava mais no canto da sala. Papai, mamãe e meus irmãozinhos dormiam no quarto e os maiores, na sala. As camas eram poucas e dormiam dois ou três numa cama só; eu, desde que fiquei doente, dormia sozinho no canto da sala, por ser mais arejado. Logo escutei conversas, estavam chegando; alegre, esperei que entrassem.

"Mamãe e meus irmãos entraram, ela havia ido entregar roupas com os pequenos e os maiores voltavam da escola.

"Agiram normalmente. Em pé fiquei na frente deles A sorrir. Que decepção! Não me viram, senti doer o peito, o meu sorriso apagou-se. Via-os perfeitamente, escutá-los e eles não me viam nem me ouviam. Olhei para o professor Eugênio e ele sorriu, animando-me; entendi, ele me avisara, eu não quisera entender.

"Tião" -disse bondosamente -, 'ao ter seu corpo de carne morto, é um espírito revestido de perispírito e os encarnados não o vêem, exceto os médiuns encarnados e videntes, o que não é o caso de nenhum de seus familiares. Poderá vê-los, saber deles, mas não lhes falar, nem eles a você'.

"Suspirei e pensei que, já que era assim, eu devia aproveitar para saber deles e matar minha saudade.

"Mamãe tirou um dinheiro do bolso e colocou dentro de um jarro, como sempre fazia, dizendo, cansada: 'Teremos este mês dinheiro para pagar o senhor Zezinho da farmácia, homem bom aquele, vendeu-me fiado para que meu Tião tivesse remédio. Ainda bem que não pagamos para morar nesta casinha e o dono do terreno não nos incomoda. Ainda mais agora sem o dinheiro de seu pai. Faz quatro meses que ele foi embora e não deu mais notícias'.

"Foi embora no dia em que Tião morreu" -disse um dos meus irmãos.

'Que saudade do meu filho!' -exclamou mamãe com lágrimas nos olhos.

"Mamãe, não chore" -disse Vanda, minha irmã mais velha. -"Tião estava tão doente, coitadinho! Era tão bonzinho, ele foi morar com os amigos no céu. Padre Anselmo disse que ele está fazendo milagres. Muitas pessoas já cumprem promessa na sua cova'.

"Meu filhinho santo!" -disse minha mãe a sorrir.

"Se ele ajuda a estranhos, vai ajudar-nos também, ele fará com que eu e Mané arrumemos emprego para podermos ajudar aqui em casa" -falou meu irmão.

"Pelas conversas deles, soube que meu pai, há tempos, abandonara minha mãe, fora morar com outra mulher e proibira que me dissessem; ele ia ver-me e dava dinheiro para mamãe, mas, com minha desencarnação, mudou-se de cidade e ninguém mais soube dele.

"Fiquei com eles duas horas, o tempo que me foi permitido. Voltei chorando, queria ficar, ajudá-los, queria ficar com minha mãe... Aqui, colegas ajudaram-me, aconselharam-me, procurando fazer com que entendesse que minha vida agora era diferente e que deveria aproveitar as lições que recebia.

"Mas, qual o que, estava triste, aborrecido, chorava à toa.

"Passados uns dias, o professor Eugênio me disse:

"Tião, conselhos, conversas não adiantam para você; verá aqui nesta tela imagens projetadas dos acontecimentos de sua casa'.

"Todos na classe assistiram, acompanharam com respeito a lição que eu recebia. Emocionado, vi minha casa, minha mãe e irmãos, e eu doente na cama. Eram cenas que eu vivera na carne.

"Observe, Tião" -disse o professor Eugênio, esclarecendo os acontecimentos que víamos -, 'sua mãe está exausta, veja suas mãos, grossas, cheias de calos, trabalha muito, levanta cedo, tem muito o que fazer; além do serviço de casa, lava roupas para freguesas. Faz a comida e há pouco o que comer, primeiro ela leva para você. O farmacêutico disse que você precisava comer bem, seus irmãos olham você comer com água na boca, eles têm fome, repartem o que sobra. Você sofre, sofreu, porém ela sofreu mais, ama você, mas ama também os outros filhos. Chega a noite e ela vai se deitar, há tempos não dorme direito, você amola, quer água, tem dores, ela levanta-se muitas vezes durante a noite, não se queixa, procura na prece a coragem para continuar. Seu pai, espírito fraco, saiu de casa, está cansado, quer aventuras, foi morar com outra mulher,mas vem lhe visitar e você nem percebe que ele foi embora. Você está preocupado com suas dores, em ser servido, não agiu errado não, Tião. Teve realmente dores atrozes, menino ainda, queria a mãe para si, e ela, abnegada, largava tudo o que estava fazendo para estar com você, para atendê-lo. "Desencarnou menino nesta encarnação, puro de sentimentos, sem erros, foi socorrido, logo estava curado e bem. Porque o sofrimento do corpo suportado com resignação é cura do espírito. Continuemos agora, Tião. Observe seus irmãos, são desnutridos, fracos, anêmicos e sempre o atenderam de boa vontade; embora crianças, respeitaram seu sofrimento.

"Sua mãe trabalha muito, lava roupa o dia todo, sua irmã mais velha está empregada como doméstica. O dinheiro é pouco, não dá para sustentá-los, sua mãe recebe o que sobra da comida de suas freguesas, a quem agradece, comovida. Necessita de dinheiro para pagar dívidas que contraiu com sua doença, para que não lhe faltassem remédios, para amenizar suas dores. Após seu desencarne, passaram a alimentar-se melhor, sua mãe já não necessita levantar-se à noite e não tem mais suas roupas para lavar, porque você sujava sempre a cama. Não

acha, Tião, que já deu muito trabalho a ela? Por que voltar lá?

"Sabe bem que voltando sem autorização, sem uma preparação adequada e sem os fluidos salutareis daqui, logo se perturbaria e se sentiria doente; necessitando de energias, passaria a vampirizar seus familiares. Nessa troca de energias você só lhes faria mal. Tião, eles têm de continuar vivendo e você também. Liberto da carne, você foi chamado a viver aqui, eles têm de continuar encarnados até chegar a hora de cada um voltar. Você viu que a vida não está fácil para eles, não queira prejudicá-los com sua presença sem preparo. Procure, sim, viver bem aqui, aprender para poder ser útil a você mesmo, aos seus e a todos os que o cercam."

"O professor Eugênio desligou a tela, sentando-se, e na sala se fez completo silêncio. Entendi que o professor mostrou os acontecimentos para alertar-me e, não podendo conter-me, chorei, porém meu choro foi diferente, não era mais com dó de mim, era de vergonha. Ninguém me interrompeu; por alguns minutos as lágrimas caíram abundantes, reagi, tentando sorrir, disse: 'Não quero mais dar trabalho aos meus. Não quero! Entendo agora que só tenho de agradecer, vou ser compreensivo e não vou chorar mais, prestarei atenção às aulas e, só quando puder ajudar, pedirei para voltar a vê-los'.

"Muito bem' -disse o professor Eugênio, -'ter vontade de ajudar é maravilhoso, incentiva-nos a aprender. Você não sabe, mas eu sei e poderei ajudá-los por você. Voltaremos ao seu lar, Tião, e ajudaremos sua mãe e irmãos'.

"Raul, não sei explicar a alegria e gratidão que senti naquele momento, aguardei ansioso o dia marcado para nossa volta. O dia esperado chegou, prometi a mim mesmo não chorar e obedecer em tudo ao professor, e o fiz. O professor Eugênio fizera antes um balanço da situação financeira dos meus, de quanto mamãe recebia, de quanto devia, quanto minha irmã, a única que trabalhava, ganhava.

"Vamos, Tião, ao emprego de Vanda, comecemos ajudando-a."

"Fomos ao seu emprego. A mulher para quem Vanda trabalhava era de meia-idade, bem vestida, naquela hora almoçava com o esposo. O professor Eugênio aproximou-se dela, intuiu-a e, como que por encanto, ouvimo-la dizer ao marido: 'Vou aumentar o ordenado de Vanda e ajudá-la mais, ensinando o serviço. Também vou dar-lhe roupas, anda tão mal vestida, minhas amigas podem comentar. Também vou logo mais perguntar a Zenira se ela quer ficar com a irmã dela para pajem, a menina procura emprego'.

"Acabou o almoço e saiu, fomos juntos à casa da amiga e acertaram o emprego para a minha outra irmã.

"Pronto' -disse o professor -, 'mais uma de suas Irmãs está empregada, isso significa que comerão bem, ganharão roupas, sapatos, e ajudarão sua mãe. Vamos agora

ver emprego para os outros irmãos. Vamos à farmácia, visitaremos o senhor Zezinho, que muito ajuda sua mãe'.

"Ao chegarmos à farmácia encontramos dois desencarnados que nos cumprimentaram, e o professor esclareceu-me: 'São dois amigos, socorristas que trabalham na ajuda aos encarnados'.

"Sorri, admirando-os, um deles dirigiu-se a mim:

"Você é Tião? Acabamos de fazer um auxílio em seu nome. A filha do farmacêutico estava doente, ele pensou que fosse um câncer. Ele e a esposa fizeram uma promessa, pediram a você que a ajudasse, se não fosse câncer ele perdoaria a dívida de sua mãe. Viemos ajudá-los, era somente um espírito trevoso atormentando-a, afastamo-lo sem problemas, a menina melhorou. Levaram-na ao médico na cidade próxima, fez os exames e hoje chegaram os resultados: a menina nada tem."

"Que bom!" -exclamei, contente. -'Como lhes agradeço. Grande ajuda deram também à minha mãe, melhora a vida dos meus. Obrigado. Olhem, lá vem ela!'

"Mamãe muito sem jeito entrou na farmácia, torcia as mãos, envergonhada. Antes que o senhor Zezinho lhe dissesse algo, foi explicando:

"Mandou me chamar, senhor Zezinho? Não tenho o dinheiro agora para dar ao senhor, no fim do mês dou-lhe mais, vou pagar tudo ao senhor."

"Dona Cida" -disse o farmacêutico -, 'a senhora não me deve mais nada!'

"Contou tudo a mamãe, a promessa, a filha curada. Mamãe chorou emocionada. O senhor Zezinho pegou o caderno, abriu na página da conta de minha mãe e escreveu bem grande: Pago!

"Obrigada, senhor Zezinho, fica o favor, este não se paga, só Deus!" -disse mamãe, agradecida.

"O professor Eugênio aproximou-se do senhor Zezinho, olhou-o profundamente e ele, calmamente, pegou na prateleira uns fortificantes e vermífugos e deu a mamãe.

"Aqui estão, dona Cida, estes remédios; dê para os outros filhos."

"O senhor é um homem bom. Obrigada."

"De nada, dona Cida, foi seu filho quem curou, com a graça de Deus, minha filha. Sou grato a ele, sofreu tanto aqui, é santo lá no céu."

"Senhor Zezinho, estou procurando emprego para meus dois meninos maiores, são pequenos ainda, mas precisam aprender a trabalhar e ajudar-me. O senhor sabe, depois que meu marido foi embora, o que ganho não dá nem para nos alimentar."

"No armazém da esquina estão precisando de um menino." O professor Eugênio continuou olhando-o, procurando intuí-lo a ajudar-nos e o senhor Zezinho, pessoa boa, honesta, bom cristão, recebeu a intuição e mais, atendeu. 'Vou lá com a senhora, sou amigo do dono, pedirei a ele. Vamos.'

"Foram. Deu certo; num instante acertaram tudo, meu irmão não ia ganhar muito, mas almoçaria no emprego e aprenderia a trabalhar.

"Mamãe estava muito contente e o senhor Zezinho fez mais ainda:

"Vamos passar por minha casa, dona Cida, seu menino precisa vir ao emprego bem vestido, vou dar-lhe umas roupas dos meus filhos para a senhora vesti-lo melhor."

"Mamãe voltou para casa muito contente, esperançosa, e eu me senti feliz, em paz, grato, muito grato,

ao professor Eugênio. Aquela noite foi de festa em minha casa. Ganharam roupas, Vanda foi aumentada e mais dois trabalhariam. Mamãe reuniu todos após o jantar, orou, agradeceu, e disse no final da prece:

"Meu Tãozinho está fazendo milagres, curou a filha do senhor Zezinho, e também nos ajudou. Tudo o que recebemos hoje é ajuda dele que, lá no céu, não se esqueceu de nós. Obrigada, meu Deus, e obrigada também a Santo Antônio."

"Segurei as mãos do professor, procurando equilibrar minhas emoções. Não chorei, presenciando todos aqueles acontecimentos, queria mais era crescer, ser útil, e falei ao professor: 'Regressemos, professor, as aulas nos esperam!'

„”Ainda não, Tão, receberemos um amigo. Ei-lo! É um dedicado médico espiritual, ele medicará a todos os seus e com os remédios que ganharam ficarão mais fortes e saudáveis."

"O doutor Aníbal era simpático e risonho; após cumprimentá-lo agradeceu, e ele logo passou a trabalhar.

"Vamos, Tão" -disse o professor Eugênio. -"Jairo, seu irmão, pode trabalhar também, vamos pedir mais esta ajuda" .

"Saímos de casa e logo encontramos os dois socorristas e o professor pediu-lhes:

"Será que não podem ajudar o outro irmão de Tão a achar um trabalho?"

"Claro que sim, faremos o possível, com satisfação."

"Então, Tão? Como se sente agora?" -indagou o professor.

"Estou feliz e grato. Mudei, melhorei meu comportamento, aprendi a confiar e com boa vontade passei a estudar; quero logo que possível ser um socorrista, ajudar encarnados, não só meus familiares, mas todos os que pedem e necessitam."

"Na minha última visita a eles, a diferença era grande. Com o tratamento do doutor Aníbal e os remédios que o farmacêutico deu, e agora mais bem alimentados, estão saudáveis, fortes, mamãe até remoçou. Com a ajuda do professor, escutei-a orar, dizia: 'Estou tão feliz agora, sei que "meu Tão que nos ajudou juntamente com Santo Antonio. Sofri tanto vendo meu filhinho sofrer, pedaços difíceis passamos, agora tudo melhora, graças a Deus'. "Ajuda, Raul, sempre temos e você a terá, não se entristeça, e acredite, seus problemas serão solucionados, peça ajuda e confie."

Tão deu por finalizada sua história, todos o ouviram com atenção. Foi quando Pedro indagou ao professor:

-Professor Eugênio, por que diziam que Tão fazia milagres se ele nem estava lá? E Santo Antônio? Ninguém o viu por lá e nós nem o vemos por aqui. Não foram os dois socorristas e o senhor que os ajudaram? Por que dizem ser Tão e Santo Antônio?

A curiosidade foi geral e o professor esclareceu-nos:

-Todos nós estamos na Terra para aprender, amar e crescer, caminhar para o progresso. Infelizmente, uns param no caminho, negando-se a aprender, outros teimam em praticar o mal. Há porém os

que, aproveitando as oportunidades que oferecem as encarnações, engrandecem no bem e passam a trabalhar, ajudando, tornam-se missiões de luzes e bênçãos. Há, queridos alunos, muitas moradas na casa do Pai, neste imenso universo, São muitos os planetas habitados e também há as diversas formas de viver, após o corpo carnal ter morrido. Cada espírito mora onde seu fluido o atrai, onde se faz merecedor. No plano espiritual da Terra há os umbrais, onde moram temporariamente os maus. Há os locais de estudo como aqui, nesta colônia, e há esferas superiores onde estão Os grandes missionários em ajuda constante aos necessitados da Terra. Como Antônio de Pádua, Santo Antônio, que tantas ajudas faz e muitos fazem em seu nome. Os diversos milagres acontecidos entre encarnados nada mais são que trabalhos para aqueles que fazem o bem, não interessa a quem se peça, interessa somente ajudar.

O professor Eugênio fez uma pequena pausa, entreolhamo-nos, admirados. Exclamamos:

-Milagres, trabalhos, professor!

-Sim -continuou a elucidar -, milagres são trabalhos, trabalhos dos espíritos bons, dos socorristas que auxiliam sempre, como os dois amigos que Tião e eu encontramos.

Entre uma e outra encarnação, os espíritos passam um período no plano espiritual, é o que se designa por erraticidade: os maus perturbam, os bons fazem o bem e aproveitam para aprender sempre. Chamamo-los de socorristas, porque muito trabalham e não querem outro pagamento a não ser a vontade de serem bons e servos de Jesus. Trabalham em toda parte, nos umbrais, nos postos de socorro e também ajudam os encarnados; muitas vezes, atendem aos chamados de fé em nome das diversas entidades conhecidas na Terra. Há grande concentração de socorristas em lugares de romaria onde muitos oram e fazem pedidos. Esses abnegados trabalhadores atendem em nome de Nossa Senhora, dos diversos santos, de Jesus etc. Os bons acodem sempre. Querem um exemplo? Se uma pessoa em perigo pede socorro por Nossa Senhora, um bom espírito por perto, se puder, a socorre. Sempre estão procurando atender aos que pedem. Se os pedidos são mais complexos, são encaminhados a ministérios próprios e analisados pelos que lá trabalham. Para serem atendidos, são levados em conta alguns critérios. "O que pede é bom para ele?" Às vezes, pede-se uma graça que seria um bem no momento, mas causa de dor no futuro. Pedem fim de sofrimentos, doenças e às vezes não se pode interromper o curso de seu resgate. Também é levado em conta, se recebida a graça, o pedido feito, a pessoa melhora se voltando mais para o Pai. Se aprovado, vão os socorristas e ajudam a pessoa, não importando para quem foi feito o pedido, embora haja equipes que trabalham atendendo aos pedidos a Nossa Senhora, santos do lugar etc., e podendo também ser atendidos pelos próprios santos, que nada mais são que servos de Jesus. Tudo é trabalho e para isso vocês aqui aprendem a fazer o bem, porque é necessário saber para fazer. Nem todos aqui serão socorristas em trabalho a encarnados, poderão escolher este ou aquele estudo, estudar mais, ser professores, reencarnar etc., mas para onde formos teremos oportunidades de servir, ajudar.

-Professor -disse Henrique, aluno aplicado e estudioso -, há também as promessas, minha tia vivia fazendo promessas. É errado?

-Promessa é troca, faça isso que eu faço aquilo. Aqui, nós não necessitamos de trocas, tudo é feito com carinho e amor. Deus, Jesus, os socorristas não estão interessados em pagamento, mas sim em fazer o bem e melhorar espiritualmente os encarnados.

"O pagamento de promessas fica na consciência de quem as fez e há tantas pessoas que por não as cumprirem se consideram devedoras e, desencarnando, não conseguem ter paz por se sentirem ingratas, em dívida com as graças recebidas. Todos nós somos carentes de graças e auxílios; devemos pedir o que necessitamos em orações, " com humildade, não com trocas. Se quiserem ir a lugares, " fazer orações, façam, mas não condicionando a receber isto ou aquilo. O que os bons espíritos querem realmente, quando ajudam, é a melhoria de cada um, aumentar a fé, a confiança, e torná-los mais conscientes das forças do bem. Mas, Henrique, algumas pessoas que fazem promessas ignoram quase sempre esse ato de trocas, fazem promessas com fé, por isso são tão atendidas. No futuro, amadurecidos e conscientes do que é o milagre, não existirão mais promessas. É o que acontece em relação ao Tião, que aqui conosco, em aprendizado, não pode fazer o que lhe pedem. É que as pessoas que o conheceram viram o quanto sofreu com resignação, pedem-lhe graças, confiantes de serem atendidas, e os trabalhadores do bem as atendem, conforme fazem jus, como os dois amigos socorristas que encontramos."

Satisfeitos com a explicação, tendo outra visão, a real, dos milagres, ninguém mais fez perguntas e o professor Eugênio deu por terminada a aula. Mas Tião levantou-se novamente e pediu para falar.

-Quero ser socorrista quando tiver concluído meu estudo, quero ir ajudar os encarnados. Quero também dizer mais algumas coisas a você, Raul. Se tem leves recordações de seu passado e sente que não lhe foi feita injustiça, você está certo. O passado está em nós, somos conseqüência dele, das diversas existências que tivemos encarnados na Terra. Comigo não houve injustiça, nunca há. Sofri muito, apodreci na carne, senti dores atrozes num corpo de criança, inocente nesta vida de agora, mas não no passado. Não me foi difícil recordar tudo. Fui no passado um sacerdote católico e tive por amante aquela que depois me serviu de mãe. Não estava muito convicto de minha fé e amava-a como mulher, não quis deixar o sacerdócio, que me proporcionava boa vida e respeito; nós nos encontrávamos às escondidas. Eu tomava, na época, conta de uma instituição de caridade, um abrigo de crianças doentes, principalmente leprosas ou filhos de leprosos que não podiam viver com os pais e que ninguém queria. Minha amante, ambiciosa, queria dinheiro, muito dinheiro, e para satisfazê-la desviei as verbas da instituição para dar a ela. Deixei as crianças sem conforto, sem remédios, até sem alimentos, enquanto ela se tornou rica, senhora de escravos e luxo.

"Desencarnamos, sofremos horrores por nossos atos, acabamos culpando um ao outro pelo sofrimento e passamos a nutrir grande ressentimento. Depois de muito tempo, fomos socorridos, orientados, entendemos a amplitude dos nossos erros e pedimos para reencarnar. Viemos juntos para que o rancor acabasse, como dois irmãos, filhos de leprosos; e, por não termos com quem ficar, contraímos a lepra e desencarnamos crianças. Não nos sentimos, porém, quites com nossa consciência; outra encarnação benéfica nos foi concedida, e

voltamos. Vencemos nesta, aprendendo a amar com pureza, sofremos, resignados, dando valor a todos os benefícios recebidos e resgatamos ceitil por ceitil. Senti, Raul, no corpo o que fiz os outros sofrerem, tirando por ambição o que poderia ser alívio para doentes de outrora. Como vê, tudo é muito justo. E ter oportunidade de quitar, reparar nossos erros, é a bondade infinita de Deus, que não nos condena, mas faz com que, resgatando, aprendamos pelo amor ou pela". dor. Raul, coragem, peça com fé o que almeja receber, peça ajuda e confie. E poderá ajudar sua mãezinha."

AJUDANDO MINHA MÃE

Tião calou-se, estávamos todos emocionados com a narrativa do nosso companheiro. Aproveitei o incentivo, olhei para o professor e disse em tom de súplica:

-Ajude minha mãe, professor. Deixe-me ajudá-la! Mesmo se com essa ajuda tiver de sofrer! Não sofrerei mais que agora, sabendo que ela não está bem.

-Raul, o estado de sofrimento é consequência do nosso livre-arbítrio, os bons não gostam de ver sofrimento, mas nosso livre-arbítrio é respeitado, assim como o sofrimento.

A ajuda que socorristas fazem é respeitando a liberdade de cada um. Podemos aconselhar sua mãe a perdoar, mas não obrigá-la. Entendeu?

-Sim, senhor, entendo e acho justo; mas, se puder falar com ela, saberei fazer com que entenda.

-Raul, sua mãe acha-se em estado de perturbação. Julga-se encarnada, sabe que você desencarnou e pode ter medo ao vê-lo.

-De mim, seu filho?

-Tantas pessoas, Raul, que muito amam, sofrem terrivelmente com a separação, mas temem e não querem ver os entes queridos que desencarnaram. Com sua mãe, pode ocorrer o mesmo.

-Sim, se mamãe ficasse com medo de mim, não saberia o que fazer -respondi, sincero. -Não sei o que fazer se ela me temer. Entendo como são certos os dizeres que, para ajudar, é necessário saber, vontade não basta. Farei qualquer sacrifício por ela, professor, mas nada conseguirei sem ajuda.

O professor Eugênio sorriu, com aquele sorriso que nos cativava tanto, olhando-me cheio de carinho.

-Levarei você, Raul, até sua mãe. Pedirei para que amanhã mesmo o professor Lourenço me substitua no tempo em que me ausentar; levarei você e procuraremos ajudar sua mãe.

Senti-me contente, confiante, minha vontade era de abraçá-lo; contive-me e falei, emocionado:

-Agradeço seu carinho, professor Eugênio, confio em sua sábia ajuda, tanto que prometo na volta contar a todos como foi. E tenho a certeza de que traremos minha mãe. Mas prometo não me entristecer nem desanimar, se não o conseguirmos.

-Oraremos e vibraremos por vocês -disseram em coro meus colegas.

A aula terminou, corri para perto de vovó, contei contente tudo o que se passou na classe, vovó sorriu, orientando-me:

-Raul, o professor Eugênio é bondoso demais, interessadíssimo nos problemas de seus pupilos, ele é conhecedor dos sentimentos humanos, confio que poderá ajudar minha Manuela. Mas, meu neto, não se decepcione se não impositiva a primeira tentativa. Tenho estado sempre com ela, quero ajudá-la e ela não quer receber ajuda. Vá, meu querido, faça tudo conforme o professor orientar. Lembro a você que sua vida continuou, e conte com a certeza de que continuou para os familiares encarnados. Não queira ficar no antigo lar.

-Claro que não, sei que eles não me verão, depois nada lá me prende. Gosto de minhas irmãs, de Pretinha, e sei do perigo que representaria para elas se lá ficasse sem o devido preparo. Quero ir mesmo para convencer mamãe a perdoar e prometo à senhora que seguirei com fidelidade as ordens dele. E, se não conseguirmos desta vez, não desistirei, até tê-la conosco.

-Que Deus os abençoe!

Esperei ansioso pelo dia seguinte, não consegui esconder a emoção. Logo pela manhã fui ao encontro do professor e, ao vê-lo, senti meu coração bater forte.

-Tudo pronto, Raul? Está bem?

-Sim, mas sinto meu coração bater forte, como se estivesse encarnado.

-O perispírito serve de modelo ao corpo. Necessitamos de tempo para nos desvincular das coisas a que estamos acostumados. Temos o reflexo do que somos, e a impressão do corpo carnal acompanha-nos. Observe, Raul, que vamos nos desprendendo aos poucos da necessidade de comer, de dormir, e tantos como sua mãe sentem ainda frio, calor e dores. O perispírito é matéria rarefeita, perfeita, belíssima; é natural que, emocionado, sintam como se o coração do corpo físico batesse; é que acelerado está o coração do seu perispírito. Vamos? Avisou sua avó?

-Avisei, sim. Está torcendo por nós.

O professor Eugênio pegou nas minhas mãos, conduzindo-me, e volitamos. Vi do alto a colônia e achei-a enorme, achei-a ainda mais encantadora com seus jardins e prédios.

Logo vi a Terra e deslumbrei-me com a visão dos sítios que conhecia; chegamos às proximidades de meu antigo lar, entre as árvores do campo. Suspirei contente, observei tudo e logo a vi. Embaixo de uma árvore, sentada no chão, estava mamãe, triste e pensativa. Ao vê-la, lembrei-me do poço, estava com o mesmo vestido, toda suja, com manchas de sangue, cabelos despenteados. No peito sangrava o ferimento da faca. Esperava vê-la assim, mas não deixei de me afligir, olhei para o professor, pedindo ajuda.

-Por que, professor, sangra seu ferimento?

-Não perca a confiança nem a serenidade, Raul. O ferimento sangra porque ela o alimenta e conserva com seu rancor.

Olhei para minha mãe com todo o meu carinho. Pensei: "Por que ela não consegue perdoar?" Não a entendia, é tão fácil entender as ofensas quando queremos. Ela era vítima e sofria mais que o agressor, no momento, por não fazer o que Jesus tanto recomendou: perdoar sempre. Indaguei meu mestre:

-Ela não nos vê?

-Raul, nossa vibração é muito diferente da dela. Nós podemos vê-la, ela não. Manuela vê encarnados e desencarnados da mesma faixa vibratória dela. Nos maus, espíritos perturbados e sofredores, a vibração é mais grosseira, quase material, enquanto nos bons, nós que aprendemos, moradores de planos mais elevados, a vibração é mais rarefeita, suave. Espíritos como o de sua mãe, no momento, não vêem os bons, por isso são levados a centros espíritas para uma incorporação, e ao se confrontarem com o corpo carnal vêem que estão diferentes, entendem que estão desencarnados e vêem, então, os bons que querem ajudá-los. Podemos também agora descer à vibração dela e tornarmo-nos visíveis, já que ela não consegue chegar a nós.

-Como poderei fazer isso?

-Ajudá-lo-ei: antes de se tornar visível a ela, lembre-se, Raul, de que poderá Manuela aceitá-lo, ou temê-lo. Agora, vamos, é só pensar forte com atenção em você, no estado em que estava no poço, procure sentir-se daquele modo, sujo, machucado, queira.

Pensei firme e fui me transformando, senti-me mais pesado.

-Vamos, Raul, pense, o perispírito pode ser maleável, você pela vontade pode transformá-lo.

Sentindo-me diferente, abri os olhos, olhei para meu corpo. Estava com as roupas rasgadas, sujas, as mesmas do dia em que desencarnei, estava ferido e com uma sensação de autopiedade invadindo-me. Pensei: "Fiquei todo machucado, coitado de mim!" Bastou isso para que começasse a sentir dores. O professor interferiu, enérgico.

-Não, Raul, não deixe a autopiedade o dominar; vamos, reaja, esse não é o seu estado, está assim só para ajudar.

Respirei fundo e pensei na figura do Mestre Jesus, ensinando no monte, na linda pintura que tínhamos na sala de aula. Relaxei e nada mais senti; sabia que minha transformação era só para ficar visível à minha mãe, minha forma externa não deveria mudar-me interiormente e eu não poderia ter dó de mim: nada do que me acontecera fora injusto.

Tranqüilo, aproximei-me dela, o professor Eugênio acompanhou-me; como não abaixou sua vibração, só a mim mamãe veria.

Ficando a alguns passos dela, disse baixinho:

-Mãe, mamãe!

Ela levantou a cabeça, levou um susto ao ver-me. Arregalou os olhos e ficou com eles parados, a olhar-me. Torcia as mãos, nervosa, disse em tom aflito, falando rápido:

-Raul, meu filho! Vejo sua alma! Você morreu naquele maldito dia. Por que eu não? Tive que ficar!

Procuro ajuda e não acho. Que sofrimento, meu filho! Vê meu estado? Ele proibiu que me ajudassem. Falo a todos que foi ele. Ninguém acredita nem me ouve. Raul! Você está sujo e machucado! Não está no céu? Sofre, meu filho?

Aproveitei a pausa que fez e tentei explicar, falando docemente:

-Mãe, mamãe querida. Não sofro, estou bem e queria que também estivesse. Esqueça as maldades que lhe fizeram, perdoe. Todos nós somos carentes de perdão.

Perdoe, mamãe, peça ajuda a Deus, a Jesus, e faça como Ele, que na cruz perdoou os que lhe mataram o corpo. Por favor, mamãe, perdoe!

Mamãe agitou-se, parecia mais assustada e gritou.

-Não, você não é meu Raul! Não tem sossego por não estar vingado?

-Mamãe, quando caímos no poço morremos nós dois.

-Cruz-credo! Você morreu, vi seu corpo frio; o meu, não. Olhe! Vê? Estou viva. Sempre tive medo de alma do outro mundo, de morto. Ai... Vou vingar você, Raul. Manuel irá pagar.

Saiu correndo desesperada, com medo.

-Volte a ser o Raul do Educandário - ordenou com voz firme o professor Eugênio. -Pense em você lá na nossa classe.

Rapidamente me transformei, suspirei aliviado e esforcei-me para não desanimar; tentei sorrir.

-Ela teve medo de mim!

O professor sorriu, confortando-me.

-Vamos procurá-la novamente, serei eu a conversar com ela. Não me conhecendo, julgará que sou encarnado e pode ser mais fácil.

-Mamãe está muito perturbada, professor. Foi sempre gentil, educada. Expressa-se de modo estranho!

-Sua mãe está temporariamente perturbada, pelo que lhe aconteceu, pelo sofrimento.

-Será que ela perdoará?

-Claro que sim. Manuela sofre e sente-se só, abandonada, não será difícil fazê-la entender. Não é má, não procurou ajuda de vingadores nem se uniu a espíritos trevosos.

-Vingadores? -Estranhei.

-Sim, denominam-se vingadores os grupos que se reúnem nos umbrais, que se dedicam com todo o ódio e rancor a vingar as ofensas e ajudam os supostos ofendidos que os procuram. Em casos assim, nossa interferência é mais trabalhosa, mas realizável. Manuela não está bem certa se quer realmente se vingar.

-Vamos, vamos até ela. Não a vejo, sumiu, sabe onde está?

Ele sorriu, entendi que sim. Se viemos da colônia e achamo-la facilmente, sabia sem dúvida aonde ela fora.

-Andemos agora, Raul.

Estar novamente naqueles campos, onde brinquei tanto com meus amigos, fez com que parasse e olhasse tudo com saudade. Não podemos fugir da saudade, mas sim controlá-la; não devemos deixar que ela nos machuque e entristeça nossos dias. Quando queremos bem a alguém, gostamos de certos lugares; é humano sentir saudades. Mas devemos lutar para não deixar esse sentimento nos prejudicar o crescimento espiritual.

-Um dia, Raul, terá igualmente saudade do Educandário, quando de lá se ausentar. Poderá até estar encarnado e não saberá ao certo do que tem saudade, seu espírito é que estará saudoso. Acostume-se já a dominar esse sentimento, dê mais lugar no seu coração ao amor, deixe que esse sentimento puro domine todos os outros. Olhe para esses lugares e os ame. Não pense que os perdeu, pense que os ama, ama muito cada lugar, cada pessoa, e a saudade se tornará suave. Aprendendo, estamos fazendo nosso presente, e o futuro é esperança.

Sorri agradecido, fiz o que ele me sugeria, não me Foi difícil, amava tudo, só que não sabia. Deixei transbordar meu amor e não senti mais saudade. Os acontecimentos materiais estavam no passado, o presente para mim era importante e enchi-me da esperança de conseguir ajudar minha mãe.

-Professor -indaguei enquanto caminhávamos -, existem muitos desencarnados sofrendo como minha mãe?

-Infelizmente, Raul existem sim. São os imprudentes que, encarnados, construíram sua casa, seus valores, na areia. Vem a morte do corpo e tudo lhes parece ter desmoronado, é grande a ruína. Todas as religiões orientam para que sigam o caminho do bem, do amor, mas a estrada é estreita e, não tendo coragem para abandonar a vida fácil, as muitas ilusões da carne, ao desencarnarem sofrem no plano espiritual, seja pelas maldades que fizeram, seja pelo orgulho e egoísmo, ou, ainda, pelo bem que deixaram de fazer e por não terem coragem e confiança suficientes para perdoar as ofensas recebidas.

-Sinto pena deles!

-São as más obras, maus atos, que causam sofrimentos. Somos livres para escolher. Muitos sofrem, mas o bem está em toda parte e ninguém fica sem socorro se pedir com sinceridade, com o propósito sincero de melhorar.

Aproximamo-nos do meu antigo lar; estava modificado, fora pintado recentemente, feito muro em volta, posto portão. Mamãe muitas vezes pedira a meu pai para fazer essas modificações, mas ele respondia que a casa estava bem desse jeito. Estava agora mais bonita, parecia-me maior. O professor pegou na minha mão, atravessamos o portão fechado e a porta da sala, achei interessante.

-Que legal! -exclamei. -Posso fazer de novo?

-Sim, pode. Nossos corpos, agora, Raul, são de uma matéria rarefeita. Corpos carnis e esta casa são de matéria condensada. Facilmente nós, desencarnados, podemos atravessá-la, é só ter consciência disso e querer.

-Mamãe consegue atravessar paredes?

-Não, sua mãe se julga encarnada e encarnados não atravessam paredes, portas fechadas.

Da sala fomos à cozinha, onde encontramos Pretinha preparando o jantar. Pondo em prática a lição do amor, olhei-a com muito carinho, desejei sinceramente felicidade a ela. Minha amiga encarnada suspirou aliviada, ' sorriu e continuou sua tarefa com mais satisfação. Fomos ao quarto de minhas irmãs. Telma e Taís estavam bem, com roupas novas e muitos brinquedos; mas pareceram-me tristonhas, brincando caladas, sentadas no chão.

-Suas irmãs estão bem; vamos, Raul, sua mãe chora na escada que dá para o quintal.

Mamãe estava sentada toda encolhida num canto da escada. Chorava e dizia: "Elas não me reconheceram. É porque estou suja e machucada. Deveria ir ao médico. Nem Pretinha falou comigo. Por quê? Por quê? Fingiram que não me viram. Deve ser isso, Manuel deve ter falado que estou louca e que fui eu quem matou Raul. Deve ter inventado uma boa história para que elas não conversem comigo. Todos devem ter medo de mim".

Olhei para o professor, ele orava em silêncio, e foi se modificando. Mudou suas roupas, ficou parecendo um lavrador pobre. Ficou na frente de mamãe, na escada, falou-lhe com voz harmoniosa e com muito carinho.

-Por que chora, filha? Está muito machucada, não dói?

Minha mãe levantou a cabeça e viu-o; curiosa, observou-o. bem e indagou:

-Quem é o senhor? Não o conheço, nunca o vi.

-Sou um peregrino. Ando por este mundo de Deus. Quer ajuda?

-Quero! Ou é o senhor quem quer? Não tenho nada para dar-lhe e...

-Não quero nada, senhora, tenho tudo do que necessito.

-Sinto que o senhor é bom. Mas como poderá me ajudar? Nem sei como começar, sofro tanto. Perdi meu filho há poucos dias.

Minha mãe perdera a noção do tempo; aqueles meses pareceram-lhe dias. Isso é comum a espíritos perturbados. O professor, mostrando-se amável, continuou a conversar normalmente.

-Sei avaliar a dor de uma mãe. Tudo é mais fácil para os que têm fé. Não acredita em Deus, senhora? Ele é Pai de todos nós, meu, da senhora, de seu filhinho. Não diga que o perdeu, não pertencemos a ninguém, filhos não são propriedades nossas, guardamo-los por um tempo que o Pai determina, encontrará com ele um dia. Não fique triste assim, senhora, venha comigo, cuidarei dos seus ferimentos.

-Não posso ir, não devo sair daqui, esta é minha casa. Não choro só pela morte dele. Tudo me é tão triste. Meu filhinho morreu e foi o próprio pai quem o matou. Não se espanta? Não acredita?

-Acredito, sim, senhora, sei que fala a verdade. Não acha, porém, que se pode matar só o corpo e não a alma? É que seu filhinho vive em outro lugar?

Mamãe relaxou mais, sentou-se direito, ignorou a indagação que o professor lhe fizera e começou a

falar. Muito confusa, às vezes não terminava a frase, mudava de assunto, mas contou sua história, revelando episódios que eu desconhecia.

-Nasci perto daqui, numa bonita fazenda. Meu pai era muito enérgico e estava sempre distante. Mamãe, não, pessoa bondosa, deu-me muito carinho. Fui prometida em casamento mocinha ainda, me alegrei. Logo ameí Manuel, meu noivo, e sentia que era correspondida. Faltava pouco tempo para nosso casamento, quando um dia, ao voltar de visita que fizera a uma doente, mulher de um dos nossos empregados, fui atacada por um homem; sem conseguir reagir, fui violentada. Encontraram-me toda machucada. Mamãe cuidou de mim com carinho, meu pai quis saber quem fora. Não o conhecia, mas o descrevi e ele foi procurar o tal homem com mais dois empregados; encontrando-o, matou-o com dois tiros de espingarda. Não conseguimos esconder o fato e passei de vítima a uma pessoa marcada, como se tivesse errado. Meu pai chamou meu noivo e contou-lhe tudo; porém, para meu alívio, ele ainda quis casar comigo. Meu pai não conversou mais comigo, evitava-me, só mamãe continuou a tratar-me como sempre. Dois meses depois, casei. Logo engravidei e Raul nasceu após nove meses de casada. Manuel mudou comigo, não era o noivo prometido que conhecia. Não gostou do filho, torturava-me dizendo que ele era do tarado e eu jurava-lhe que não. Dizia-lhe: existe criança de sete meses, mas não de onze! Era brusco, grosseiro comigo. Nem olhava para o filho e, se o menino chorava à noite, tinha de sair do quarto. Quando fiquei grávida novamente, apavorei-me, porém Manuel agiu diferente, com as meninas tinha paciência, chegando a levantar-se à noite para me ajudar a cuidar delas. Meu pai morreu. Vim saber por mamãe que Manuel casara comigo por ter recebido uma rica recompensa, papai pagou-lhe para que casasse comigo. Minha mãe, com dó do meu Raul, pediu-nos para que o deixássemos com ela. Minha mãe levou-o e criou-o. Manuel nunca foi vê-lo ou quis saber dele.

"Minha vida nesses anos transcorreu mais tranqüila, até que mamãe morreu e meu filho retornou ao lar. Manuel logo demonstrou a raiva que sentia por ele, passou a maltratá-lo, a surrá-lo, sem nenhum motivo. Minha vida toda de casada foi tentando agradar meu esposo; trabalhei muito, tornei-o mais rico e cada vez tratava-me pior. Até que se apaixonou por outra, por uma moça que mudou com a família para nossa cidade. A desavergonhada queria casar, e ele, com medo de perdê-la, armou um plano. Começou a tratar-me melhor e também ao filho. Numa tarde chamou-nos para um passeio, feriu-me com a faca, jogando-me no poço abandonado e, depois, fez o mesmo com \I próprio filho. Este, coitadinho, não resistiu e morreu. E, não satisfeito, sabe o que ele fez? Disse a todos que fui eu a matá-lo, que estou louca, e todos fogem de mim, não conversam comigo. Só o senhor me escutou e estou abusando, falando, falando."

-Não, irmãzinha, não está abusando, gostei de escutá-la. A senhora precisa de ajuda. Não se lembra de Deus? Não ora? Não recorda os ensinamentos de Jesus, esse grande missionário? Sofreu tanto, perdoou a todos e pediu que fizéssemos isso também. Por que a senhora não perdoa a seu esposo? Raul já perdoou.

-Raul? Como sabe o nome de meu filho?

-A senhora mesma falou. Se ele era bom como diz, um anjinho, perdoou. Os bons perdoam sempre,

faça isto, perdoe também.

Minha mãe ficou quieta por alguns instantes, parecia pensativa. De repente levantou-se e disse:

-A polícia! O delegado! Vou dar queixa dele, terão de prendê-lo.

Saiu apressada, nem se despediu, olhei triste para o professor e disse:

-Não sabia dessa história, agora entendo o porquê de meu pai não gostar de mim.

-Sua mãe disse a verdade: você, Raul, é realmente filho de Manuel. Esse ódio não é por isso, está ligado ao passado de vocês. Vamos acompanhá-la.

Mamãe andava rápido, seguimo-la de perto, ia repetindo que tinha de contar ao delegado. Perto da delegacia dois desencarnados, com jeito de poucos amigos, cercaram-na, segurando-a pelo braço.

-Venha cá, belezura! -disse um deles.

-Vamos passear um pouco -disse o outro. -Somos todos assombrações.

Mamãe apavorou-se com o assédio dos dois, começou a debater-se. O professor Eugênio aproximou-se, os dois pararam desconfiados olhando um para o outro, saíram correndo.

-Está protegida pelos bons, vamos embora!

Mamãe chorava baixinho, assustada, com dores e fraqueza, não quis ir mais para a delegacia; vagorosamente, de cabeça baixa, voltou para nosso antigo lar.

O LOUCO

Mamãe ficou novamente na escada chorando, aproximamo-nos dela.

-Raul, estenda suas mãos sobre ela e pense que quer vê-la tranqüila a dormir.

Fiz isso, o professor também; mamãe parou de chorar. Foi se acalmando, deitou-se no chão e dormiu. O professor Eugênio pegou-a no colo e acomodou-a num leito que tinha no porão de minha ex-casa.

Entramos em casa, meu pai estava na sala, tranqüilo, pareceu-me feliz, ao seu lado uma moça bonita que tentava cativar minhas irmãs, Taís e Telma, que a olhavam desconfiadas e aborrecidas.

-Será esta a mulher de que mamãe falou? Ela o ajudou a nos matar?

-Esta é Margareth, amante de seu pai, candidata a esposa. Ela não é má, somente ambiciosa e frívola. Não' sabe de nada, no começo desconfiou de seu pai, porque ele pediu que dissesse, se alguém lhe perguntasse, que passara com ela a tarde do crime. Explicou que andava desconfiado de que a esposa o traía e que a seguira naquela tarde. Logo, porém, perdera-a de vista. Mas depois que prenderam o "Louco", Margareth acreditou nele e ficou muito contente por Manuel estar livre, e tudo faz para que se case com ela.

Margareth levantou-se, dirigiu-se à cozinha; seguimo-la. Pretinha lavava a louça; Margareth, procurando ser amável, disse-lhe:

-Pretinha, qual o seu salário?

Pretinha gaguejou, falou a quantia meio encabulada.

-Só?!Se você me ajudar fazendo com que as meninas gostem de mim, casarei com Manuel e dobro seu ordenado. Terei outra empregada para lavar roupas e não farei quitutes para o armazém, seu serviço diminuirá. Se fizer o que lhe peço, falando bem de mim a elas, dar-lhe-ei roupas minhas, tratá-la-ei sempre bem.

-Sim, sim, senhora.

Ela saiu e Pretinha enxugou do rosto as lágrimas que caíam, resmungando baixinho: "Nem fez um ano que dona Manuela e o menino Raul morreram e ele já fala em casar-se. Se não tivessem prendido o Louco e este confessado, julgaria que fora ele, o patrão, que matara os dois. Até hoje não entendo o porquê de dona Manuela ter largado de fazer os bolinhos e ter saído com Raul; ela nunca fizera isso".

Abrazei Pretinha com muito carinho, desejei-lhe tranqüilidade e esperança para o futuro. Após alguns segundos, o professor tocou-me o ombro.

-Vamos, Raul, viemos ajudar sua mãe, não deve se preocupar com eles aqui. Pretinha é bondosa e trabalhadeira. Margareth gosta mais é de ter alguém para trabalhar por ela, agrada a Pretinha para tê-la fazendo isso. Para suas irmãs, será boa madrastra, as meninas são boazinhas, seu pai as ama e não permitirá que ninguém as maltrate.

-Professor Eugênio, ele não tem remorso? Está como se não tivesse feito nenhum mal.

-Quem faz o mal um dia cairá em si, lembrará o mal feito. A vez dele chegará.

-E ele vai casar com Margareth?

-Sim, estão apaixonados.

-Professor, é incrível como o senhor sabe tudo, descobriu onde mamãe estava, conhece tudo.

-Não pense, Raul, que sou adivinho. Nada é impossível. Ontem à noite estive aqui e sua avó deu-me as informações precisas, analisei tudo para melhor ajudá-lo.

Saber de todos os detalhes e onde uma pessoa se encontra não é difícil. Como sua avó, dona Margarida, me informou, sua mãe só fica por aqui e basta-me pensar nela para localizá-la foi fácil. Para os desencarnados nada é impossível, tudo é trabalho e dedicação.

-Escutei, por duas vezes, falar do Louco. Prenderam o Louco que nos matou. Quem é ele? Por que está preso se não foi ele?

-Sua mãe dormirá por horas, descansará, aproveitemos para conhecer o Louco. Vamos à prisão.

A prisão da cidade era pequena e antiga, quatro celas, três presos, um em cada uma. Não era um lugar agradável de visitar, não a conhecia, nunca tinha estado numa cadeia. Ambiente triste e pesado, alguns desencarnados ali estavam vampirizando com ódio um dos presos por este ter-lhes tirado a vida física. Não nos viram, lembrei-me da explicação do professor: nossa vibração era diferente. Entramos numa das celas, não havia nenhum desencarnado, estava ali um homem, barba por fazer, magro, cabelos louros encaracolados, andava de um lado para outro, inquieto.

A camisa aberta deixava ver suas costelas, usava sandálias de couro cru e calças nas canelas. Seus olhos azuis pareciam duas contas, bonitos, tristes, demonstrando pelo olhar sua agitação interior. Simpatizei com ele, indaguei ao meu mestre:

-Quem é este homem?

-Este é o Louco -respondeu meu instrutor. -Será inocente? Nem tanto como se pensa. É um doente mental. Seu espírito culpado perturbou-se e ao encarnar transmitiu à matéria sua perturbação. .

O Louco começou a falar: "Matei-os, matei-os, enfiei a faca neles, matei-os!"

Assustei-me ao ouvir o que dizia.

-Este pobre irmão fala sempre isso, Raul, repete a todo instante. Recorda partes de acontecimentos do passado. Matou, sim, não agora nesta encarnação, mas na sua outra existência. Vamos auscultá-lo, contarei a você a história dele, quer?

-Sim, quero.

O professor Eugênio deu-lhe um passe, vi das suas mãos saírem raios prateados. O Louco aquietou-se, parou de andar, pegou um prato de comida que estava na mesa e comeu; depois se deitou na cama e ficou olhando para o teto com os olhos muito abertos. Sentamo-nos perto dele, meu instrutor começou a falar:

-João Felipe, é este seu nome. Em 1712 estava encarnado, era oficial da corte; imponente, orgulhoso, julgava-se bonito, honesto e com a certeza de uma brilhante carreira. Esperava uma promoção, que julgava merecida e justa, para logo.

"Um dia, estando de folga, passeava pelo campo a cavalo, ia admirando a estradinha toda arborizada que era caminho de alguns sítios, onde pessoas endinheiradas tinham casas para passar o verão, sonhando um dia em residir ali. De repente, uma criança saiu do meio das árvores atravessando à sua frente. Seu cavalo assustou-se, empinou, e o menino, amedrontado, parou também. Sem que João Felipe pudesse evitar, o cavalo pisoteou a cabeça do garoto. Conseguindo finalmente dominar o animal, desceu do cavalo, amarrou-o numa das árvores e aproximou-se da criança. Percebeu que estava morta, batera com a cabeça numa pedra, além das pisadas do cavalo.

"Ajoelhado estava junto ao menino quando escutou um barulho. Virou-se e viu que atrás do garoto vieram uma mulher e uma menina de uns seis anos. A mulher estava muito bem vestida. Ao chegar à estrada parou, assustada, depois se debruçou sobre o menino, que tinha

três anos, começando a chorar baixinho. João Felipe reconheceu-a, era a esposa de seu comandante. Sentiu um frio pelo corpo e exclamou: 'Estou perdido!' "Procurou dominar-se. Pensou rápido, não poderia deixar que contassem o que viram. Ele não tivera culpa. Quem, porém, iria acreditar nele? E conhecia bem o comandante, era vingativo e mau.

"Tirou sua faca da cinta e friamente golpeou a mulher pelas costas. Retirando a faca, rápido avançou sobre ti menina, que estava a alguns passos parada, não entendendo o que acontecia; estava mesmo olhando

Apoiamos os direitos autorais.
As páginas desta obra que estás a ler em formato digital, são apenas um excerto para efeitos de divulgação de informação e conhecimentos que consideramos importantes estarem acessíveis ao maior número de pessoas, pois sem Conhecimento, Educação e Sabedoria não existe evolução das sociedades.

Se estás a gostar deste livro, por favor apoia o seu criador e as entidades que apoiam a sua distribuição, adquirindo uma versão original.



umanovatterra.pt